

Jhey Lee

*E você, já olhou
embaixo da cama hoje?*

CONTOS DE
TERROR

PARA LER ANTES DE DORMIR





CONTOS DE
TERROR

PARA LER ANTES DE DORMIR

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo, ou em parte, através de quaisquer meios sem a permissão por escrito da autora.

REVISÃO

Alice Martins

Jenifer Lee

Larissa Niewierowski

Vitória Ferreira

CAPA

Jéssica Macedo

DIAGRAMAÇÃO DO E-BOOK

Alice Martins

Lee, Jhey

Contos de terror para ler antes de dormir / Jhey Lee. – Campo Largo, PR : 2019.

ISBN: 978-85-5700-059-9

“Não acredite em nada que você ouve, e apenas metade no que você vê.”

Edgar Allan Poe

“A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o mais antigo e mais forte de todos os medos é o medo do desconhecido.”

H. P. Lovecraft

Índice

[NOTA DA AUTORA](#)
[PREFÁCIO](#)
[PRIMEIRAS IMPRESSÕES](#)
[EMBAIXO DA CAMA](#)
[A VINGANÇA](#)
[BELEZA MORTAL](#)
[NA ESCURIDÃO](#)
[INVOCACÃO MALDITA!](#)
[ATÉ QUE CHEGUE A HORA](#)
[UMA VOLTA À MEIA-NOITE](#)
[A NOIVA](#)
[UM EQUÍVOCO](#)
[QUANDO AS LUZES SE APAGAM](#)
[CARTA AO LEITOR](#)
[AGRADECIMENTOS](#)
[LIVROS DA AUTORA](#)

NOTA DA AUTORA

Contos de terror: Para ler antes de dormir é um livro de contos e minicontos que abordarão temas como: inocência, medo, vingança pós-morte, invocação de espíritos, violência sexual, visões aterradoras, vozes do além...

Prepare a xícara de café para ficar a noite toda acordado, mas se for corajoso o bastante para ir dormir, não se esqueça de olhar embaixo da cama...

Ou não...

PREFÁCIO

Contos de Terror: Para ler antes de dormir foi uma surpresa gratificante para mim. Depois de conhecer a escrita da Jhey em *Feridos*, ela nos mostra outra faceta nessa obra, nos apresentando contos de terror de alto nível. Neste livro, a autora nos contempla com 10 histórias diferentes, repletas de sentimentos crus e cenas eletrizantes.

Os contos são construídos com sagacidade e mesmo aqueles que são bem curtos, conseguem despertar o frenesi no leitor. É impossível não se sentir vitado nas histórias que estão sendo contadas, pois elas conseguem atingir o âmago do leitor, que passa a se questionar se o que está sendo narrado de fato não acontece pelo mundo a fora — realmente acredito que sim.

Este foi um dos primeiros livros que li do gênero, o que acabou abrindo meu leque de opções na hora de escolher um gênero de leitura. E apesar de ser uma medrosa nata e sentir aquele friozinho em muitas cenas dessa obra, o que mais amei foi o fato de conseguir entrar dentro de cada história e me sentir parte do enredo.

A Vingança foi o conto que me conquistou de cara, pois além de trazer muitas cenas aterrorizantes com o sobrenatural envolvido, também traz dois temas importantes que precisam de mais atenção na sociedade: o estupro e o suicídio. Neste conto, você vai perceber que nem tudo pode ser escondido e que suas ações em algum momento serão cobradas, mesmo que para isso o inferno precise ser “aberto”.

As descrições dos ambientes são um dos pontos altos da narrativa, visto que através disso podemos visualizar nitidamente todo o desenrolar das cenas com detalhes. Em alguns momentos me senti sufocada junto com alguns personagens, já que as sensações deles são passadas facilmente para o leitor.

Com uma escrita fluída e arrojada, a Jhey chega para se consolidar entre os escritores de terror. Os sentimentos que permeiam a leitura passeiam entre o medo, a angústia, o temor e a reflexão. A Jhey não quis apenas trazer histórias de terror, ela também empregou temas que nos levam a questionar as ações humanas e como a maldade muitas vezes está incutida em pequenas ações.

Ao iniciar esta leitura, tenha apenas um pensamento em mente: você não está seguro. Você não sabe o que tem embaixo da sua cama, nem o que te

espera depois de um pequeno “branco” em sua memória. Nada é como você imagina, e o mal está mais perto do que você acredita. E uma última dica: cuidado com o que está atrás de você!

Alice Martins, influenciadora literária no Blog Gnoma Leitora

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

"*Contos de Terror* é uma coletânea de contos que aborda acontecimentos sobrenaturais, que variam de assombrações até as consequências das decisões de alguém.

Durante a leitura — feita durante a madrugada, ótimo horário para ler histórias de terror —, tive momentos em que senti medo, fazendo-me distanciar da beirada da cama. Porém, a leitura também me trouxe reflexões sobre determinados temas.

Os contos são mesclados entre curtos e longos, o que deixa a leitura bem dinâmica e rápida. Eles são muito bem escritos, levando ao leitor a sensação de que o mesmo está presente na cena, tornando-a realística e bem mais assustadora, aumentando a atenção e curiosidade do que virá a seguir.

Em um dos contos, cinco amigos se reuniram para fazer um ritual para invocar os espíritos. Apesar de alguns deles não gostarem da ideia, decidiram fazê-lo, não se importando com as consequências que aquilo poderia trazer a eles.

'NÃO ESTAMOS SOZINHOS'. A xícara é lançada contra a parede! Eles foram avisados, mas não deram ouvidos. Os espíritos malignos foram libertos e agora está com você, leitor, a missão de acompanhá-los nos lugares mais sombrios.

Aviso aos leitores: não aconselho dar uma volta ao redor da casa à meia-noite e depois olhar através da fechadura. Por quê? A curiosidade pode ser fatal."

Vitória Ferreira, influenciadora literária no instagram @livrosdavivi



"*Contos de Terror: Para Ler Antes de Dormir* já nos introduz em sua atmosfera direta e crua desde o primeiro conto, no qual já levamos um 'baque'.

Nos demais contos, alguns longos e outros curtos, mantemos a mesma sensação de espanto pelas cenas narradas.

Não há muitas descrições, além das necessárias, e o leitor consegue imaginar o cenário e o que o compõe, algo que funciona muito bem no terror, pois abre brechas para preenchermos as histórias com nossas próprias imagens causadoras de medo, fazendo essa atmosfera do medo estar presente durante toda a leitura, aparecendo mais em alguns contos, menos em outros, depende do que assusta você.

Um dos contos que com certeza mexeu mais comigo foi o *Invocação Maldita*, fiquei presa sem conseguir desviar os olhos da tela onde estava lendo, e nas poucas vezes em que o fiz foi para me certificar de estar sozinha, sem nada passando pela porta ou atrás de mim. De noite, após ter feito a leitura, tamanha foi minha dificuldade para cruzar os corredores até o banheiro sem acender todas as luzes da casa. Não somente esse conto, mas os outros presentes no livro são de uma carga bem grande, alguns até fazendo-nos refletir sobre as questões apresentadas. Sobre mexer ou não com o que não entendemos bem, por exemplo, os espíritos.

Gostei muito de todos os contos, apesar de sempre recusar leituras de terror por ter muito medo, decidi encarar esta leitura e foi uma experiência muito boa. Senti o medo, fiquei um pouco receosa de andar pela casa, mas isso quer dizer que as histórias, então, funcionaram como deveriam e este é

um ótimo livro!

A escrita da Jhey é fantástica, ela sabe como conduzir o leitor durante o texto de forma que ele sinta dificuldade para largar o livro antes de terminá-lo todo. A você leitor, boa leitura, e certifique-se de sentar de costas para a parede e de frente para a porta, só para ter certeza de que ninguém (ou algo) anda espiando você."

Larissa Niewierowski, influenciadora literária no instagram
@queridaliteratura

EMBAIXO DA CAMA

Desde criança, Georgina é assombrada por terríveis pesadelos. Hoje, com quinze anos, as coisas mudaram...

Para pior.

A mão de Georgina caiu para fora do colchão. Ela sentiu a língua de seu cãozinho lhe fazendo carinho.

Georgina sorriu, ainda de olhos fechados. Ela considerava que ele foi o melhor presente de aniversário que os pais poderiam ter lhe dado, enquanto o cãozinho lambia a mão dela outra vez.

De repente...

Um latido.

Georgina despertou.

Algo estava errado!

Outro latido.

Sim! Algo estava muito errado!!! Seu cãozinho estava latindo... Do lado de fora!

Georgina correu em direção à janela do seu quarto. Não havia dúvidas, era seu cão que estava lá embaixo.

Mas então...

Quem estava embaixo de sua cama?

A VINGANÇA

Kim foi incapaz de conviver com a dor de perder a melhor amiga, Stacey, naquele maldito acidente! Se é que se pode chamar de acidente alguém cair do 30º andar.

Foi por esse motivo que, naquele dia, ela esperou pacientemente até meia-noite. Era a noite dos mortos...



Kim assistiu mais de uma vez ao vídeo de quando ela e alguns amigos tentaram invocar Stacey.

A garota do vgmídeo não se parecia em nada com Kim, sua fisionomia mudou. Ficou assustadora. Como se fosse um animal selvagem, prestes a devorar a sua presa. Olhos fundos e sem vida, era como se outra pessoa tomasse conta do corpo de Kim, mas como era possível? A voz ainda era dela, não era?

Não. Era a boca de Kim que se movia, mas o som emitido não era doce e suave, era uma voz repleta de ódio, e as palavras soavam como promessas de vingança.

— NÃO DEVERIAM MEXER COM OS MORTOS!

Uma força a empurrou em direção ao ar e ela levitou até a garganta de Haylee, uma das amigas.

— Kim!!! O que há com você?! — No momento em que Nate se

aproximou, foi jogado com tanta violência contra a parede que caiu no chão, estonteado com a queda.

Haylee conseguiu acertar Kim, mas as coisas saíram do controle e ela passou a ser o alvo. Kim começou a esbofetear a face da amiga, que não conseguia se defender de um único golpe.

O sangue na face de Haylee era a prova da crueldade insana que estava movendo Kim. A cada golpe deferido contra Haylee, ela liberava um grito de histeria e de horror.

Era como se alguém gritasse através dela, um som demoníaco e masculino entoava no lugar de sua voz dócil e melodiosa.

— Ei, Kim!

Nate a acertou com tanta força que pensou tê-la matado.

— Kim... — Ele se aproximou lentamente, temendo que ela estivesse morta. — Kim...

Os ombros dela se moveram de maneira estranha, provando que ainda estava viva.

— Kim...? — Os olhos sombrios dela se voltaram para Nate. Ela riu baixinho e o riso se transformou em uma gargalhada. — O que há com você, Kim?

A voz dela assumiu o tom demoníaco de antes, como se não houvesse acontecido nada.

— NÃO DEVERIAM MEXER COM OS MORTOS! NÃO DEVERIAM MEXER COM OS MORTOS!

Kim repetiu a frase várias vezes enquanto levitava até Nate, que, horrorizado com a cena, começou a dar passos para trás, porém, Kim segurou a garganta dele e o empurrou contra a parede com força sobre-humana.

Nate começou a suar frio, jamais a viu agir dessa maneira. Ela costumava ser tão meiga e frágil.

De repente, ela ficou de costas para ele, afastou-se, sentou-se no chão como se estivesse meditando e começou a cantar baixinho.

— ELES ESTÃO VINDO... ELES ESTÃO VINDO... — A voz de Kim era igual a de uma garotinha de seis anos. — ELES ESTÃO BRAVOS... ELES ESTÃO BRAVOS... — Riu baixinho. — ELES VÃO SE VINGAR... — Riu novamente e, agora, sua voz assumiu o tom diabólico outra vez. — ELES VÃO SE VINGAR! — gritou. — Aaaah! — Ela liberou um grito estrondoso, dessa vez, com a própria voz. Ela parecia ter saído de um transe.

Nate e Haylee entreolharam-se sem compreender tudo o que acabaram

de presenciar. Kim soluçou entre lágrimas, as mãos tremiam, o suor escorria. Ela era inocente em relação a tudo o que aconteceu.

— Por que você está sangrando, Haylee? — perguntou Kim. — Por que minhas mãos estão ensanguentadas? Haylee...

— Nate... — Haylee também chorava. — Desligue a câmera.



Kim retorna ao presente.

Ela foi possuída por algum espírito. E esse espírito não era Stacey.

Desde a morte de Stacey, as coisas se tornaram difíceis para Kim. Elas costumavam fazer tudo juntas: rir, comprar, estudar, chorar...



Nada voltará ao normal, nada será da maneira que era quando Stacey

estava viva.

Aproxima-se da meia noite.

Kim caminha sozinha para casa. Ela não quis que nenhum de seus amigos a acompanhasse, mas se arrepende.

Ela ouve uma voz chamá-la, mas quando olha para trás, tudo o que vê é a escuridão.

Ela corre em direção a um beco, para cortar caminho e chegar mais rápido em casa. A voz que a chamava a persegue, e a garota começa a entrar em pânico.

— Quem está aí? — ela grita para a escuridão.

Risadas.

Ela engole em seco, ao virar-se para frente, uma voz afirma.

— Eu!

— Aaaah! — Ela acorda gritando. Não conseguiu ver a face de quem a perseguiu, mas foi o bastante para apavorá-la.



Há horas Haylee está com o porta-retratos nas mãos. Ela, Stacey e Kim sorriem abraçadas.

Uma lágrima cai dos olhos dela. Após um ano, a lembrança de Stacey ainda dói.

O som de um vaso caindo no chão e se partindo em vários pedaços a faz saltar do sofá.

Ela recolhe os cacos e antes de levar para o lixo, para em frente ao local em que estava o vaso de flores. Ela não compreende como ele pode ter caído.

Não havia vento. O vaso não estava na beirada. A única coisa que havia por perto era uma pulseira...

A pulseira preferida de Stacey.

Haylee pega a pulseira e leva para seu quarto. Ao apagar a luz do abajur para deitar-se na cama, ela vê uma sombra parada na porta.

Ela acende a luz outra vez. Ela poderia jurar que era Stacey.

— Não deveríamos ter feito aquilo... — ela sussurra para si. —
Desculpe-me, minha amiga.

Haylee dormiu a noite toda, mas pela manhã acordou com o som de algo se quebrando. Ela desce as escadas e se aproxima do sofá. O porta-retratos com a foto dela e das amigas está no chão. E o mais curioso é que há algo brilhante no meio dos cacos. Haylee se abaixa para pegar... É a pulseira preferida de Stacey. Aquela que deveria estar no quarto de Haylee.



— Por que nos chamou aqui? — quer saber Nate.

— É... — reclama Kim. — O dia nem amanheceu.

— Ontem à noite, enquanto eu olhava a nossa foto, um vaso se quebrou, detalhe, ele não estava na beirada e nem havia vento, só a pulseira da Stacey estava por perto. Eu fui para a cama e levei a pulseira comigo, a colocando ao lado do abajur. Quando apaguei a luz, tenho certeza de que vi Stacey parada na porta do meu quarto. E hoje, acordei com o barulho de algo se quebrando e, quando desci, encontrei nosso porta-retratos no chão.

— E não havia vento... — acrescenta Kim.

— Não — confirma Haylee. — E o mais curioso é que encontrei isso no

meio dos cacos.

— A pulseira de Stacey — diz Kim. — Como ela veio parar aqui?

— É o que eu gostaria de saber.

— Eu sonhei que estava voltando para casa, quando ouvi uma voz me chamando. Eu corri, porque estava com muito medo, mas não conseguia descobrir o motivo de tanto pavor... Quando acordei pela manhã, eu soube o motivo... Era a voz da Stacey que me chamava.

— Sabe o que eu acho? — inicia Nate. — Que vocês estão perturbadas porque tentamos invocar o espírito da Stacey.

— E sabe o que eu acho? — fala Kim. — Acho que é muito estranho que você seja o único que não tenha visto ou sentido nada de anormal!

— Isso porque não acredito nessas coisas!

— Mas deveria — afirma Haylee.

— O que vamos fazer? — pergunta Kim.

— Acho que ela está querendo nos mostrar alguma coisa.

— Sim. Que ela está morta! — fala Nate.

As meninas dirigem a ele olhares acusadores.

— Tudo bem, eu não falarei mais nada.

— Ela pode estar atrás da pulseira dela — afirma Kim.

— Você tem razão — conclui Haylee. — Melhor levarmos para ela.

— E onde pretendem encontrá-la? — Ri Nate.

— Idiota! — Kim passa por ele e o acerta com um soco nas costelas.

Haylee faz o mesmo.

— Tudo bem, eu já entendi. Vamos encontrá-la.

Os três seguem para o cemitério.

Haylee deixa a pulseira da amiga sobre o túmulo. Agora, Stacey poderá descansar em paz.



Enquanto toma banho, Nate relembra do dia confuso que passou ao lado das amigas, quer dizer, elas só podem estar ficando loucas!

Stacey morreu!

Ponto!

Ninguém que morre volta. Muito menos para reclamar uma pulseira. A menos que queira reclamar algo maior...

Ele senta-se na cama e pensa em Stacey... Ela estava tão linda na noite do baile, parecia uma princesa, sua beleza era estonteante.

— Ei! — Ele vê alguém passando na frente da porta de seu quarto e seguindo para o corredor.

Ele olha pela casa inteira, mas não encontra ninguém. Ele percebe que o alarme está ligado, então se houvesse algum invasor na casa, o alarme teria disparado.

Nate nunca se considerou um cara medroso, é por isso que não se reconhece quando se vê ajoelhado diante de sua cama, para se certificar de que não há ninguém escondido embaixo dela.

— Ridículo! — suspira ele ao ver que não há nada, porque, claro, já está atrás dele.

— Buuuh!!!

— Aaaah! — Seja lá o quê ou quem estava ali parado, desapareceu tão rápido quanto surgiu. — Porcaria! — esbraveja, enquanto uma risada estrondosa ecoa e desaparece na escuridão.

Nate deita para dormir, mas passa horas pensando em algo que não consegue compreender. Haylee imaginou coisas estranhas, Kim sonhou, mas

ele... Ele estava acordado.



Kim sempre amou Langdon em segredo, desde a segunda série, mas esse é só um detalhe que ele nunca deve ter percebido.

— Ei! Por que não olha para onde anda? — vocifera Langdon quando Kim se bate contra ele e derruba a bandeja dela no refeitório.



Todos param de comer no mesmo instante, para rir dela, e não importa para onde olhe, todos a estão apontando e rindo.

Os olhos de Heather adquirem um tom inflamado, quase demoníaco. Ser alvo de piadas? Ela não queria estar na pele de Kim. É de dar pena.

Langdon escorrega e cai violentamente. Ele bate com a cabeça e mancha

o chão do refeitório com uma poça de sangue que começa a se formar.

Heather ri baixinho quando toda a atenção direcionada a Kim se volta para Langdon. Caído igual a um vegetal podre!

A correria toma conta do lugar e Langdon é levado às pressas para a enfermaria.

— Ah, meu Deus! — Kim sente as pernas amolecerem e Nate a envolve antes que caia.

— Idiotas! — afirma Haylee. — Depois de tudo o que você já passou! Deveriam ser mais gentis! Em seu lugar eu também passaria mal.

— Vamos sair daqui. — Nate e Haylee afastam-na da confusão.

O que ninguém consegue compreender é como Langdon escorregou e caiu daquela forma. Ninguém cai daquela forma inexplicável, tão pouco Langdon, o garoto mais popular do colégio. A menos que tivesse tropeçado em seu orgulho, porque nada além disso estava visível.



Os olhos de Langdon encontram o olhar frio e ameaçador de Kim.

A festa promovida pelo Colégio estava apenas começando e ele já sentia vontade de voltar para casa. É a primeira vez que teve essa sensação em uma festa.

Ele sente o ar gelado se aproximar, envolvendo-o, atravessando seus ossos. Ele sabe que há algo muito estranho, talvez até maligno, com essa garota. Só não compreende de que forma isso aconteceu, ela parecia ser tão... normal.

O fato é que ele não tem provas, mas tem sérios motivos para acreditar

que Kim tem algo a ver com sua queda violenta no refeitório outro dia. Ele viu a maneira como ela o olhava e percebeu que ela riu quando ele começou a sangrar. E não era um simples olhar, era sobrecarregado de uma força extremamente negativa.

Um dos lustres simplesmente cai e, se Langdon não tivesse dado alguns passos para o lado, teria sido atingido na cabeça.

— Que pena! — suspira Heather para si mesma.

Os olhos dele encontram o olhar diabólico de Kim, que o encara com um sorriso sombrio e enigmático.

Langdon começa a se afastar, se antes possuía alguma dúvida, agora tem certeza de que Kim quer matá-lo. Só não compreende como ela está fazendo tudo isso. A menos que ela seja a encarnação do próprio mal.

Langdon se mistura em meio à multidão. Mas Kim tem uma facilidade assustadora para encontrá-lo. Parece ser alimentada e movida pelo medo dele.

Ele entra em um corredor, depois em outro, em outro... Sempre olhando para trás. Ela parou de segui-lo. Deve tê-lo perdido no meio do aglomerado de jovens dançando por todos os lados, ou dos incontáveis corredores pelos quais passou.

Ele começa a rir, deve estar mesmo pirando ou bebeu além de seu limite para estar imaginando tanto absurdo. Mesmo que fosse real — o que não é o caso — se Kim quisesse matá-lo, como faria? Com a força da mente? Considerando que ele é duas vezes maior que ela.

— Com pressa? — A voz de Kim faz com que Langdon dê um passo para trás.

— Como você chegou aqui antes...

— Langdon, Langdon... — Ela dá voltas ao redor dele. — Sou capaz de coisas que você nem imagina!

— O que você quer de mim?

A respiração dela próxima ao ouvido dele provoca calafrios.

— Sua alma. — O ambiente fica congelado. O garoto estremece. — Qual é a sensação de se sentir inferior?

— Por que está fazendo isso?

— Para você sentir a inferioridade na pele. E pagar por tudo o que fez!

— Aaaai!

Ele cai. A perna dele começa a sangrar. Ele levanta uma das pernas da calça. Há profundas e grandes marcas, como se alguém o tivesse arranhado.

Kim sorri.

Ele sente as costelas queimando e, ao levantar a camisa, encontra mais marcas e... sangue. A cada novo corte... Dor.

— Pare com isso!

— Parar? Mas a diversão está só começando!

Langdon se arrasta. Kim permanece parada. Apenas o observando.

— Corra — ela diz calmamente, embora os lábios dela não se movam. — Porque esta noite, você não sairá daqui com vida! — Ele percebe que a voz dela sussurra dentro da cabeça dele.

Langdon se arrasta entre os corredores. Ele se esforça muito para correr, mas tudo o que consegue é mancar, enquanto Kim apenas caminha, sem o menor esforço.

A gargalhada estrondosa dela ecoa em sua mente.

— Aaaah! — Ele se encolhe ao sentir a pele das costas se rasgar. — Aaaah! — Com apenas um olhar, Kim torce o pulso dele até deslocá-lo, e então, a outra mão... Dedo por dedo. — Chega! Chega! Eu não suporto mais!

— Não se preocupe, você ainda tem muito o que suportar pela frente.

— Aaaah! — Ele vê o sangue molhar sua camisa, o peito e a barriga queimam ao receber novas marcas.

Langdon fica horrorizado quando vê a pele sendo pouco a pouco retalhada. A carne já exposta na barriga se espalha para os braços e para o que sobrou de intacto nas pernas.

— Tudo bem! Chega de retaliações! — conclui Kim, rindo.

O corpo de Langdon é lançado contra a parede, uma força que ele desconhece o arrasta pelo corredor e o joga dentro de uma sala, ainda mais afastada do que as outras. Uma sala onde ninguém poderá ouvi-lo ou encontrá-lo.

Portas e janelas são trancadas sem que Kim se mova.

Langdon respira com dificuldade. Uma dor aguda atinge seu peito, como se a qualquer momento fosse sofrer uma parada cardíaca.

— Não se preocupe, você não vai morrer de ataque cardíaco... Seria muito fácil!

Langdon é lançado ao teto e suas costas batem contra ele várias vezes. Sangue. Dor. Desespero. Medo.

Ele é jogado no chão.

— Aaaah! — Agora o tornozelo sofre a fúria de Kim e é deslocado.

O corpo dele está coberto de ferimentos e sangue, o rosto molhado de suor comprova seu pavor aumentando a cada segundo.

Ela se aproxima e, ao passar na frente de um espelho, Langdon vê as imagens se alternando entre Kim e uma sombra.

— Quem é você?

— Eu...? — O rosto de Kim se torna suave e sua voz insegura. — Sou uma pobre garota indefesa em busca de compreensão.

— Você é doente!

— A doença está dentro da sua mente, igual a dor. — Ela avança levitando até ele.

— Aaaah!

Ele sente sua pele rasgar outra vez.

Ela sorri, os olhos adquirindo um tom inflamado. Mas agora, o reflexo dela está nítido no espelho.

— Heather? — ele pergunta horrorizado.

— Surpresa! — Ela sorri com os lábios ficando roxos, como se estivesse sendo asfixiada.

— Não pode ser... Você está...

— Morta? — E os olhos ficam ainda mais inflamados.

Kim abre a porta com um vento estrondoso.

— Vá! — afirma ela apontando a porta. — Pode ir...

Langdon desiste de tentar compreender o que está acontecendo, só quer sair dali. Porém, ao se aproximar da porta, o ar começa a ficar quente, o fogo surge do nada e o envolve, impedindo-o de respirar, e não importa para que lado tente fugir, o fogo está em todas as direções.

Vozes demoníacas ecoam por todo o local. Langdon não encontra nenhum sentido nas palavras, como se fosse proposital deixá-lo confuso.

— Pare! — Ele reúne forças para gritar. — Por favor... — Cai de joelhos. — Pare... — Desmaia.



Ao abrir os olhos, ele não compreende se esteve desacordado por minutos, horas ou dias. Não há fogo. Ele não está queimado. E Kim, ou Heather, desapareceu.

E se tudo não passou de um pesadelo? Não. Não faz sentido. Se fosse um sonho, ele não estaria ferido e sangrando

— Desgraçada! — Com a visão embaralhada e sentindo-se fraco, ele se arrasta até a porta dos fundos. Só precisa chegar até seu carro... Só que o carro é lançado diante de seus olhos para o outro lado da rua.

O som é de algo pegando fogo.

— Kim... — ele sussurra sentindo o vento gelado.

Ele vira-se lentamente para trás.

Ela está parada entre ele e o colégio que está pegando fogo. Ele sabe que o incêndio deve ser fruto de algum tipo de alucinação criada por Kim, ou todos estariam correndo para fora.

— Não... — Ele se afasta vagarosamente, recuando alguns passos para trás. — Não pode ser... — Sua fisionomia é de terror. — Você não pode...

— Sua hora... — inicia ela, os olhos ficando inflamados. Um caminhão em alta velocidade se aproxima. — Chegou!



Langdon é lançado para o meio da rua, em direção a sua morte.

— Kim! — grita Nate.

No exato momento em que ele se aproxima, ela cai em seus braços. Pálida e desacordada.

— O médico disse que é anemia profunda! — explica Haylee. — Sei lá... Desde que a Stacey morreu ela está assim, quer dizer, há um ano ela não reage. E da maneira que as coisas estão caminhando ela vai acabar igual a... Stacey.

Kim ouve a conversa dos amigos e chora. Ela não pediu por nada disso. Não teve culpa de não estar lá para impedir o acidente de Stacey. Ou teve? Ela sente como se tivesse uma dívida eterna com a amiga.

— Stacey... — sussurra ela.

Kim retira a agulha do soro de suas veias e sai pelo longo corredor do hospital, escondendo-se quando está prestes a ser descoberta por alguma enfermeira, e caminhando quando não há ninguém por perto.



— Alguma notícia sobre o que aconteceu com Langdon? — pergunta Haylee.

— Nada do que já não tenhamos ouvido... — responde Nate. — Ele bebeu, saiu sem rumo, foi atropelado, fim da história.

— Um final muito estranho, não acha? Disseram que ele estava com marcas horríveis e algumas partes do corpo quebradas.

— Parece que estão tentando esconder o que realmente aconteceu...

— Ou não sabem...

— Ou não sabem... — concorda ele.

As cortinas começam a balançar, mas não há vento.

Haylee e Nate entreolham-se.

— Vamos ver a Kim. Ela pode ter acordado — afirma Haylee.

Mas ela não está no quarto.

— Era para ela estar dormindo, não era? — pergunta Nate.

— Kim? Kim?

— Ela não está no banheiro.

— Droga!

— Alguma ideia de onde ela possa estar?

— Nenhuma, mas é melhor nos separarmos para procurá-la.

— Tudo bem.

Procuram-na por todos os corredores e lugares possíveis. Nada.

— Por que não pensei nisso antes...

E ele corre para o 30º andar... Kim está pronta para se jogar.

— Kim! — ele grita e, logo em seguida, sua voz fica calma. — Kim,

não faz besteira.

Ela olha para ele com a face molhada por lágrimas.

— Kim, por favor, não faça isso.

— Você não compreende? — Ela chora inconsolável. — Essa é a única saída para mim.

— Não. Kim. Não é. Existe tratamento e...

— As coisas são mais complicadas do que parecem.

— Não são, Kim. Haylee e eu vamos ajudá-la a sair dessa. Segure a minha mão.

— Nate... Deixe-me ir... Com a Stacey... Desde que ela se foi, não consigo viver em paz... Não consigo me alimentar, dormir, nem ser feliz.

— Kim... Volte comigo. A Stacey vai chutar o seu traseiro quando a encontrar do outro lado e descobrir o que você fez.

Ela força um sorriso e aceita a mão de Nate.

Tarde demais!

Kim puxa Nate para junto de si com uma força sobre-humana, parece ser capaz de manter o equilíbrio por ambos, que com apenas um passo em falso os levará a uma queda do 30º andar.

— Kim. O que está fazendo?

— Vivendo no limite. — Ela sorri docemente. — Quero você, Nate.

— Kim...

— Shhh! — Ela toca os lábios dele levemente com os dela. — Beije-me.

Ele a beija sem contestar, na verdade, ele parece gostar, fato comprovado quando ela deixa o beijo mais urgente e ele corresponde, ignorando o fato de sua camisa ser facilmente rasgada pelas delicadas mãos de Kim.

— Você não é a Kim.

— Não. — Sorri ela, afastando os cabelos dos olhos. — Stacey.

— Stacey? Kim, o que há com você?!

— Eu não sou a Kim! — grita. — Sou a Stacey.

— Você precisa de terapia!

— Não foi o que disse naquela noite.

O semblante dela se torna sombrio como as trevas, e o dele, pálido e amedrontado.

— Eu não sei sobre o que você está falando, Kim.

— Você sabe sim... — Os olhos dela ficam completamente negros. — E não me chame de Kim.

Nate sente a dor no peito, como se unhas rasgassem sua pele. Ao ver o sangue escorrendo, ele tem um momento de lucidez, não se lembra de Kim tê-lo arranhado, é como se ela tivesse feito isso com a força da mente. Impossível! Em um movimento automático, ela o segura pela gola da camisa.

— Stacey, por favor.

— Ah! Agora você sabe meu nome? Tarde demais, Nate! E quer saber de uma coisa? Não foi um acidente. Eu me suicidei! — grita ela. — Depois do que você e seu amigo Langdon fizeram comigo!

— O quê?

— Langdon e Nate... Dois canalhas covardes!



— *Por favor... Vocês são meus amigos... Não me machuquem...* — Chorou e implorou Stacey.

— *Cale a boca!!!* — Langdon tapou a boca dela.

— *Rápido com isso cara, deixa um pouco para mim* — falou Nate.



O céu escurece, começa a cair uma garoa fina.

— Eu não sei quem inventou essas coisas para você, Kim, mas a Stacey está morta. Você precisa superar.

A garota se transforma em uma torrente...

O clarão do relâmpago ilumina Kim, e como se fosse através dela, Nate vê Stacey.

A imagem dela está sombria, os olhos estão fundos e sobrecarregados de ódio. Um ódio frio que Nate nunca presenciou. E em seu pulso, a pulseira que Haylee deixou sobre o túmulo.

— Oh meu Deus!

— Não seja idiota! — retruca ela.

— Foi você que matou Langdon?

— Não. Foi a outra. Mas eu estava lá. No último momento. Precisava ter visto a cara daquele idiota quando me viu parada a pouca distância dele. “*Não... Não pode ser... Você não pode...*” — Ela imita a voz de Langdon. Nate arregala os olhos, se não soubesse que Langdon está morto, poderia afirmar que era ele quem estava falando. — Ele quis fugir e o caminhão passou por cima dele. Não é cômico? Se ele não estivesse tão assustado, teria visto o caminhão.

— Outra? Quem é a outra?

— Heather.

— Mas quem é... Aaaah!

Nate sente sua face ser rasgada, como se navalhas perfurassem sua pele.

— Aaaah! Stacey, me perdoe, eu... Aaaahhh!!!

Ele sente seu corpo todo sofrendo as mutilações. É visível que Stacey está furiosa e não vai aceitar seu pedido de perdão. Nate quer explicar que Langdon e ele estavam bêbados e que se estivessem em seu estado normal, jamais fariam isso com ela, mas ela não o deixa falar, devido às torturas que o faz sofrer.

Nate sabe que ambos alimentavam ódio por Stacey, devido a rejeição que pensavam ter sofrido, mas a verdade é que Stacey não era o tipo de garota que traía a confiança das amigas. Ela sabia que Kim amava Langdon e Haylee amava Nate. Certa noite, quando Langdon e Nate a procuraram, para que ela escolhesse um dos dois, porque ambos estavam a fim dela, ela explicou que havia duas amigas que estavam apaixonadas por eles, e que ela não poderia fazer isso com elas, não poderia ficar com nenhum deles.

Na noite do baile, ambos a procuraram outra vez. Bêbados. Sabiam que os pais dela a haviam deixado sozinha em casa e, por mais que ela tentasse se esquivar ou gritar, eles estavam em dois e eram mais fortes do que ela. Foi então que o pior aconteceu...

Nate começa a ficar fraco. Ele está perdendo muito sangue em um curto espaço de tempo. Os braços parecem estar pendurados nos ombros. Nesse momento, ele percebe que foram quebrados.

As mãos que seguravam a gola da sua camisa agora se tornam frias e fortes iguais a garras, e envolvem a garganta dele. Os pés se desgrudam do chão.

— Stacey?

— Não.

Os olhos meigos de Kim se tornam chamas de fúria, em tom vermelho sangue.

— Heather! — afirma ela. — Não foi só para a Stacey que fizeram mal... Langdon tem um longo histórico. Mas ele já está pagando por isso. No inferno.

— Como isso é possível?

— Quando vocês invocaram o espírito da Stacey, ela voltou. E com ela, eu também fui libertada, aliás, muita coragem da sua parte chamá-la depois do que fez a ela. O fato é que juntas passamos a dividir o corpo vulnerável da doce Kim... A luxúria, o ódio e a vingança agindo juntos, não é demais?

— Kim! — grita Haylee, que chega ao local e paralisa de horror com a cena que presencia.

Heather a lança contra a parede e ela cai no chão, o olhar sombrio pausa

em Nate.

— Diga adeus!

Nate acompanha com horror Haylee ser arremessada com tamanha violência. Quando ele volta os olhos para Heather, encontra Stacey, e um olhar sobrecarregado de ódio mortal.

Stacey solta Nate. Do 30º andar.

— Adeus! — diz ela sorrindo.

Stacey e Heather liberam um grito demoníaco, e as coisas acontecem em segundos. Kim é empurrada com tanta força que não há tempo de recuperar o equilíbrio.

Nate e Kim caíram do 30º andar. E só havia uma pessoa com eles...

Haylee.

Ela é conduzida à viatura de polícia, um dos policiais senta-se na direção e outro ao lado dela.

Ela sorri ao ver que o motorista a observa amedrontado quando os olhos dela assumem um tom inflamado de vermelho sangue. Os mesmos olhos de Heather. Ao lado do outro policial, Stacey o encara.

BELEZA MORTAL

Tudo o que Ella queria era ser bela e admirada para sempre e por todos.
E seu desejo se tornou realidade.

Ella se enche de orgulho e vaidade ao se ver notada, admirada e observada por todas as pessoas que passam por ela. Os olhos das pessoas chegam a brilhar com tanta beleza.

Ella está muito orgulhosa de si mesma.

Mas ao tentar se mover, ela sente algo a prendendo e não consegue se soltar. Ela faz uma nova tentativa, mas não obtém sucesso.

Ella vê um espelho em sua frente e, através do reflexo, ela sente o terror domá-la.

Ella quer chorar. Mas não há mais lágrimas. Nunca mais haverá. O que resta é apenas um enorme nó na garganta. Se é que pode chamar aquilo de garganta.

Ella não consegue, nem com muito esforço, mover-se. E nunca mais conseguirá. Porque agora, Ella e toda a sua beleza estão aprisionadas dentro do corpo de uma linda boneca.

Cuidado com o que você deseja...

NA ESCURIDÃO

A sensação é de estar sendo observada. Analisada. Talvez possuída, por algo que não pertence a esse mundo.

Medo dos vivos? Não tenho nenhum! O que me assusta é o que existe no além. Aquilo que nem todos são capazes de ver. E que poucos acreditam quando ouvem falar.

Estou dormindo... É como se algo levasse sobre o meu corpo enquanto durmo. Se eu abrir os olhos, porque sinto que posso fazer isso, tenho certeza de que vou encontrar um rosto rude, branco e horrível me observando.

Sinto o ar gelado. A mão fria toca a minha face. Estremeço. Permaneço na dúvida entre ignorar essa sensação que me enche de terror e abrir os olhos... E me deparar com a criatura, que agora está ao meu lado na cama.

E se a criatura só está esperando eu abrir os olhos para me fazer algum mal? Ou se tentar me sufocar? Porque pelo fato de pertencer ao além, deve saber que estou fingindo que estou dormindo.

Pior! E se está só esperando eu cair no sono para possuir meu corpo? Substituindo o meu espírito?!

Ninguém jamais descobriria!

O corpo físico será o mesmo, mas o espírito... Esse não. E como alguém poderia desconfiar que poderia haver algo de errado comigo? A minha mudança de comportamento certamente seria atribuída a alterações normais de humor.

Eu poderia assistir a tudo isso sem poder fazer nada! Ou talvez eu até voltasse um dia a habitar o meu corpo, sem nunca ter a consciência de que um dia um espírito maligno dividiu o mesmo corpo comigo. Quem sabe até usou o mal contra as pessoas que amo. Eu nunca saberia...

Talvez essas substituições de espírito possam explicar aquele famoso “branco” que temos de vez em quando. Aqueles esquecimentos de coisas que as pessoas afirmam que fizemos, mas não nos recordamos.

De repente, meus olhos se enchem de terror. Medo. Pânico.

Aquela que está abraçando a minha mãe e me olhando com olhos malignos, não sou eu...

INVOCAÇÃO MALDITA!

Medo! É isso que estou sentindo! Não acho uma boa ideia incomodar os mortos! — confessa Lauren.

— Eu também acho uma péssima ideia! Péssima ideia! — concorda Katy.

— Eles podem ficar revoltados e voltar à vida para atormentar a NOSSA vida! — acrescenta Shaunee.

— Garotas — dizem Jason e Marc em uníssono, debochando.

— Não quero ser do contra — inicia Luke. — Mas as garotas estão certas, não sabemos com o que vamos lidar.

— Diga-me que não está concordando com as garotas? — Jason dirige a ele um olhar acusador.

— Não é corajoso o bastante? — pergunta Marc.

— Não é isso! — responde Luke.

— E o que é então? — quer saber Marc.

— Não devemos incomodar os mortos. Eles podem querer se vingar.

— É por isso que não vamos invocar espíritos vingativos — afirma Jason.

— Se são espíritos que estão vagando por aí, não podem ser do bem!

— Vamos fazer, está bem? Ponto!

Luke desiste de contestar e, mesmo sentindo-se amedrontadas, as três garotas se aproximam do círculo, ocupando cuidadosamente seus lugares.

O copo está no centro do círculo desenhado no chão do quarto de Lauren. No círculo, há todas as letras do alfabeto e os números de 0 a 9.

Todos colocam seus dedos sobre o copo. Jason inicia o ritual, sua voz adquire um tom sério e firme, usa um idioma incompreensível, suas palavras soam iguais a uma prece. O que não deixa de ser uma verdade, pois trata-se de um ritual... Para invocar os espíritos.

Jason deixa claro que está chamando para o círculo somente os espíritos do bem, dessa forma, ele acha que vai evitar que o mal caia sobre ele, afinal, como dizem as antigas histórias, os mortos estão por toda parte e não fazem mal a ninguém, desde que não sejam incomodados.

O copo começa a se mover lentamente e, com um movimento automático, todos se afastam do copo ao mesmo tempo.

— Quem foi o otário? — esbraveja Marc.

— Foi você Luke? — acusa Katy.

— Não fui eu — afirma ele seriamente.

Todos engolem em seco ao perceber que ele está falando a verdade.

— Certo, vamos pegar uma xícara que é mais pesada, o que vai impedir que ela se mova caso nossos dedos tremam — afirma Shaunee.

— Só se forem os seus. — Sorri Jason.

— Calado! — dizem as três garotas em uníssono.

Todos concordam com a solução encontrada por Shaunee.

As coisas acontecem rápidas demais, tão rápidas que é quase impossível para os olhos de todos acompanharem a xícara se movendo e apontando as informações sobre quem atendeu ao chamado para o círculo.

Félix, 18 anos, queimado. Naomi, 17 anos, afogada. Ricardo, 18 anos, estrangulado. Charlisy, 17 anos, retalhada viva. Priscila, 17 anos, suicídio.

E por fim uma mensagem:

“NÃO ESTAMOS SOZINHOS”.

A xícara é lançada contra a parede.

— Mas que droga! — grita Marc.

— Quem foi o idiota?! — esbraveja Jason.

— O que foi... isso? — Shaunee começa a respirar fundo várias vezes.

— Está na cara que foi um de vocês! — acusa Lauren, caminhando de um lado para o outro.

— E se... — inicia Jason. — Pedirmos uma prova? — sugere. — Uma prova de que não estamos sós e... Que não foi nenhum de nós que fez aquilo!

— Não! Não! E não! — responde Shaunee contrariada. — Isso não foi boa ideia desde o começo e continua não sendo agora!

— Gosto de desafios! — afirma Marc.

— Vamos lá! — Jason parece gritar para o além. — Provem que estão aqui!

— É isso mesmo! — esbraveja Marc. — Provem que não estamos sós!

— Provem! Provem!

— Provem! Provem! Provem! — Dessa vez todos falam ao mesmo tempo, exceto Luke.

Nada acontece.

De repente, Katy sai correndo em direção ao banheiro, seus amigos a seguem, mas ela tranca a porta e grita para que a deixem em paz.

— Abra essa porta, Katy! — gritam eles.

— Deixem-me em paz! — ela esbraveja. — Fiquem longe de nós!

— Nós? Ela disse nós? — pergunta Marc.

— Ei, Katy! — grita Jason. — Quem está aí com você?

Shaunee e Lauren se encaram assustadas.

Do lado de dentro do banheiro, Katy chora inconsolável. Ao encarar seu reflexo no espelho, vê uma mancha escura na parede, uma mancha que não estava ali quando ela entrou.

Ela olha para trás. Não há nada na parede.

Ela respira fundo e joga água fria no rosto.

Ela estremece quando um ar gelado passa próximo ao seu corpo, como se tivesse tocado sua pele.

A reação é automática, olhar para o espelho.

É quando ela percebe que a mancha que pensou ter visto na parede tem forma. Forma humana. Uma sombra está parada a poucos centímetros de suas costas.

Quando se prepara para gritar, uma dor aguda envolve a barriga dela. As mãos, involuntariamente, pressionam o local da dor, como se essa atitude pudesse amenizá-la.

Seu olhar se volta para o espelho.

A sombra desapareceu.

Ela luta contra a força que quer fazê-la cair no chão, e em meio ao seu esforço, acaba derrubando todos os objetos que estavam sobre a prateleira de Lauren.

— Shaunee... — ela sussurra enquanto escorrega para o chão. — Shaunee... — Com dificuldade para respirar, a voz dela é um sopro.

Do outro lado da porta, os amigos só ouvem o silêncio de Katy.

— Está muito quieto lá dentro.

— Quietos demais.

— Katy!

— Katy! Katy! — as meninas gritam enquanto batem na porta.

Katy não tem forças para gritar, nem mesmo para implorar por ajuda.

Algo segura os pés de Katy e a arrasta, deixando-a de ponta cabeça. O braço é torcido para trás em uma posição extremamente dolorosa. Cortes surgem por todo o corpo dela, e a pele arde como se estivesse pegando fogo.

— Vamos arrombar!

Ao entrar no banheiro todos os olhares se voltam para Katy. Ela está caída no chão, com as mãos pressionando a barriga. Cortes por todo o corpo e

seu vestido... todo ensanguentado.

— Eu... estou... perdendo... — murmura ela.

— Sim, você está perdendo muito sangue.

— Não... Meu... Bebê...

— Seu o quê?

— Você está grávida?

— Essa não!

Shaunee leva as mãos à garganta e, como se houvesse uma força oculta, ela é lançada contra a parede.

Seus amigos gritam desesperadamente por seu nome e tentam segurá-la, mas ela é arrastada para o outro lado do quarto e, quando se aproximam, ela é lançada sobre alguns móveis e depois novamente contra a parede.

Em sua mente, as vozes de seus amigos se tornam cada vez mais distantes, como se estivessem se afastando dela.

— Não desistam de mim... Por favor... Não desistam... — Ela espera alcançá-los por pensamento, porque sua voz desapareceu.

Shaunee começa a sufocar.

— Droga! O que está acontecendo?! — grita Lauren.

— Oh meu Deus! — sussurra Katy.

Os olhos de Lauren encontram uma sombra. A sombra que está mantendo Shaunee com os pés afastados do chão enquanto aperta a garganta dela.

Lauren tenta avisar aos amigos o que está vendo, mas todos estão gritando uns com os outros, divididos entre socorrer Katy ou Shaunee.

É por isso que Lauren decide se jogar contra a sombra que vai acabar matando Shaunee sufocada. Entretanto, Lauren mal consegue dar dois passos. A mesma força que levou Shaunee, a joga contra a parede e, antes de cair no chão, ela bate com a testa em uma mesa. Sua queda chama a atenção de todos.

Lauren sente dor nas costas, o pulso e a cabeça latejam, os dedos umedecem de sangue ao tocar a testa.

Em seguida, o som fatal! O pescoço de Shaunee é quebrado.

O ar gelado alcança o corpo de todos, que estremecem de frio, ao mesmo tempo. O ambiente se torna tão pesado que é insuportável se manter nele por mais de alguns segundos. Ninguém consegue se mover do lugar em que está, como se algo os prendesse ao chão.

A temperatura volta ao normal. O ar pesado se dissipa. Mas as coisas

jamais voltarão a ser da maneira que eram...



No hospital, a discórdia é plantada entre os amigos que aguardam apreensivos por notícias de Katy.

— Isso não faz o menor sentido! — suspira Jason. — Katy estava grávida há um mês! Isso poderia ter acontecido a qualquer garota!

— É mesmo? E o que me diz sobre a Shaunee? Ela está morta, cara! — diz Luke, com os olhos vermelhos de tanto chorar.

— Ela teve falta de ar e...

— Eu vi aquela coisa apertando o pescoço dela... — afirma Lauren. — Droga, Jason! Eu não me joguei contra a parede e nem quebrei o pulso sozinha!

— Não foi um acidente... — sussurra Marc. — Aquela coisa fez Katy perder o bebê e quebrou o pescoço da Shaunee!

— Vocês não sabem o que estão dizendo! — interrompe Jason. — Foi um acidente! Katy e Shaunee. Shaunee quebrou o pescoço quando caiu e Katy... — Jason seca as lágrimas para não demonstrar fraqueza.

— Cala a boca! — afirma Marc. — Nada disso teria acontecido se você não tivesse duvidado!

— Todos aqui duvidamos! — afirma Jason.

— Mas você quem começou a pedir provas de que não estávamos sós! — Marc vai para cima de Jason.

— Parem já com isso! — Luke se coloca entre ambos. — Todos nós somos culpados! Todos nós duvidamos! Todos nós os invocamos e pedimos

provas! — esbraveja.

— Todos. Exceto você — inicia Jason. — Deve ser por isso que saiu tudo errado! — acusa. — Porque você não fez direito!

— Parem com isso vocês três! — Lauren entra no meio deles e os empurra com força e raiva. — Será que não percebem que procurar os culpados agora não trará Shaunee de volta?!

Todos silenciam. Lauren está coberta de razão.

Jason é o primeiro que se afasta. A dor e o arrependimento são perceptíveis em sua expressão.

— Jason... — Lauren o segue.

— O Marc está certo, eu os chamei e...

— Todos nós os chamamos, Jason. Você não foi o único culpado.

— Mas...

— Jason! — Ela segura o ombro dele com força. — Jason, olhe para mim!

Ele a encara. O rosto molhado pelas lágrimas e a expressão da dor mais profunda que alguém já demonstrou. Lauren apenas o abraça, incapaz de falar mais nada para tentar consolá-lo, na verdade, não consegue fazer isso nem por si mesma!

— Eu preciso... Eu... — Jason se liberta dos braços de Lauren e sai apressadamente em direção a porta.

— Jason! Jason! — Lauren o chama, mas ele nem olha para trás. — Jason! — Ela caminha na direção dele.

— Não! — Luke a puxa pela cintura, a impedindo.

— Mas ele...

— Ei... — Ele a envolve em seus braços. — Está sendo difícil para todos nós, mas se nos separarmos poderá ser pior.

— O que você sugere?

— Que ao menos essa noite... Fiquemos aqui. Todos juntos.

— Luke... Estou com tanto medo...

— Eu vou proteger você — ele garante. — Nem que seja a última coisa que eu faça!

Jason atravessa a rua correndo e paralisa antes de atravessar a próxima.

— O quê? Por que estão olhando assim para mim? — Ele começa a se afastar. — Nós não fizemos por mal... — E quanto mais tenta explicar, mais sombras surgem e avançam em sua direção. — Não queríamos provocá-los... Só estávamos brincando e...

Um ar gelado sopra tão forte em sua face que seu corpo todo se arrepia e ele para de falar.

Outra vez o vento frio sopra contra seu corpo, dessa vez, com força o bastante para fazê-lo recuar alguns passos.

Jason está cercado.

Paralisado de medo, ele vê uma sombra tomar forma entre as árvores, os olhos enormes e demoníacos o acusam.

O ar cada vez mais frio.

A dor lancinante em seu peito o faz tomar consciência do ataque cardíaco... É tarde demais para ele, mesmo que tentasse voltar ao hospital.

Duas vidas perdidas.

Dois velórios.

Dor multiplicada.



— Isso não pode estar acontecendo! — Marc alisa os próprios cabelos com a mão. — Deve haver uma explicação lógica para tudo isso!

— E há — responde Lauren. — Invocamos os espíritos, eles vieram. Agora vão se vingar. De um por um!

— Não fale besteira! — grita Marc.

— Não grite com ela! — revida Luke.

— E o que vai fazer? Você não queria nada disso desde o começo, deve estar se sentindo o máximo porque foi o único que nos avisou! — E um parte para cima do outro.

— Parem vocês dois! — Lauren se coloca entre eles. — Você não tem

direito de acusar o Luke de nada, nenhum de nós tem!

— É mesmo? E por quê?

— Porque ele foi o único a discordar em fazer aquele círculo idiota!

— Se ele fosse mesmo contra, não teria participado até o final!

— Vocês o pressionaram!

— Mas não obrigamos! Ele fez porque quis!

— Você é um idiota!

— Não enche! — grita ele.

— Já mandei não gritar com ela! — vocifera Luke.

— Ou então... — Marc desafia.

— Ou então isso! — Luke o derruba com um soco.

Mark revida e Lauren tenta separá-los, mas acaba sendo derrubada no chão.

— Lauren! — dizem ambos ao mesmo tempo.

— Tudo bem, eu estou bem.

— Eu não queria... Eu... — explica-se Marc.

— Tudo bem, Marc, eu quem deveria ter ficado quietinha.

— Desculpe-me...

— É... Foi mal Lauren — diz Luke.

— Vocês estão vendo o que está acontecendo? — pergunta ela. —

Estamos nos colocando uns contra os outros. E para quê? Para nada!

Ambos os garotos silenciam.

— Somos amigos. Não podemos ficar assim — ela continua.

— Ele quem partiu para cima de mim. — Marc encara Luke.

— Você estava gritando com a Lauren.

— E merecia um soco por isso?

— Merecia bem mais que um soco!

— É melhor ficar de boca fechada! — ele o ameaça.

— Você deveria ter ficado de boca fechada na noite que votou a favor daquele maldito círculo!

— Quer saber? Vão para o inferno! Vocês dois. — Marc sai.

— Vamos nos encontrar lá então! — grita Luke. — Porque eles vão pegar todos nós!

— Marc, volte aqui! Marc!

— Deixe-o ir!

— Não! — Lauren se desvia dos braços de Luke. — Marc!

— Não quero mais saber de nenhum de vocês! Esqueçam que eu existo!

— Não! Nunca! — Ela o cerca, obrigando-o a olhar para ela. — Nunca! Ouviu bem? Sabe por quê? Porque você é meu amigo. E eu amo você. Amo todos vocês. E se você sair desse jeito e acontecer alguma coisa... Com qualquer um de nós e não houver mais chance de pedir perdão ou... Você consegue imaginar o martírio que será?

— Você está certa. — Marc começa a chorar.

— Vem... — Lauren o abraça.

— Eu também amo vocês.

Luke se aproxima deles e os abraça também.

— Foi mal, cara. Por tudo.

— Eu digo o mesmo para vocês.

— Vamos entrar e beber alguma coisa enquanto conversamos? — sugere Lauren.

— Claro.

— Por mim tudo bem.

Lauren coloca a jarra de suco sobre a mesa e serve aos amigos, cabisbaixos. A consciência cobra de ambos o fato de estarem brigando, quando dois de seus amigos estão mortos e uma amiga ainda está no hospital.

— E se for mesmo isso... — inicia Marc. — Se eles estão se vingando? Não há nada que possamos fazer?

— Eu não faço ideia — afirma Lauren.

— E você?

— Eu o quê? — pergunta Luke.

— Sabe se há alguma coisa que possamos fazer para parar isso? — quer saber Marc.

— Não faço a menor ideia. — Ele fica cabisbaixo.

— Não me leve a mal, cara, mas às vezes acho que você já sabia o que estava por acontecer, por isso não era de acordo.

— Sim. Eu sabia.

— Como?

— Li algo a respeito. Em uns arquivos antigos na biblioteca.

— E o que você leu?

— Li que um grupo de seis jovens fez um ritual semelhante ao que fizemos. Por volta de 1890. Espíritos do mal foram libertados, estavam furiosos, sedentos de vingança, porque não gostam de ser incomodados. Os jovens duvidavam da existência de espíritos. Diziam que mesmo que fosse verdade, espíritos não poderiam causar nada físico a eles.

— E então... O que aconteceu a eles? — quer saber Lauren.

— Os espíritos tiraram de cada um todos os membros das suas famílias, para provar que eram sim capazes de fazer qualquer coisa física. Depois provocaram em cada jovem as dores mais violentas que um ser humano poderia suportar, além de pesadelos, medos...

“E quando eles não estavam suportando mais ficar sem dormir, sem se alimentar, um a um foi perdendo a vida e seus espíritos foram condenados a vagar eternamente.

“Diz a história que cada vez que jovens repetem esse ritual, espíritos condenados se libertam, levam com eles uma legião de demônios e fazem com que a história se repita.”

— E por que você não contou isso antes? — pergunta Marc.

— Vocês teriam acreditado?

— Tem razão. Não teríamos. Estamos encrencados!

— Ou... condenados.



Entreolham-se, imaginando quanto ódio foi libertado junto com esses espíritos.

Marc deita-se na cama, mas não consegue dormir. Descansar? Há muito tempo não sabe o que é isso.

A mente dele é atormentada pelas lembranças, especialmente devido ao pesadelo que tem sido os últimos dias, desde quando resolveram fazer aquele maldito círculo que libertou espíritos malignos, que já levaram dois de seus amigos.

A dor é mais forte do que é capaz de suportar. As lágrimas são de arrependimento. Nunca deveriam ter brincado com espíritos e, muito menos, duvidado deles.

A verdade é sombria, mas é real.

Invocaram espíritos. Eles estão zangados. Eles são vingativos. Agora todos sofrerão as consequências!



A tempestade se torna a cada segundo mais violenta. Algo puxa a coberta de Marc e começa a sufocá-lo.

O barulho do granizo caindo sobre o telhado impede que seus gritos sejam ouvidos. O clarão produzido pelo relâmpago, adicionado ao estrondo do trovão, faz seus olhos correrem para o canto do quarto. Ela está lá. Pálida. Com cortes ensanguentados que se estendem por toda a face.

Há uma saída. A porta está aberta. É só correr até lá e... Como se fosse capaz de ler seus pensamentos, ela levanta um dos braços em direção a porta, que se fecha imediatamente.

Olhos frios e demoníacos se voltam para ele.

Medo. Pânico. E talvez... nenhuma chance.



— Lauren? — sussurra Katy.

Lauren chora. Outra vez. *Pobre Lauren*, pensa Katy. Assistiu ao massacre cometido contra Shaunee, à vida de um bebê que ainda nem havia nascido, à Jason e contra ela mesma. Ainda assim, encontra forças para passar todos os dias no hospital para ficar ao seu lado.

— Vem... — Katy levanta a mão com dificuldade.

Lauren segura a mão dela e Katy a sente estremecer. A mão de Lauren está tão gelada...

— Lauren?

— Katy... — ela diz entre lágrimas. — Foi o... Foi o Marc.

— Ah não. O Marc não. — Nesse momento, Katy também começa a chorar.

— A mãe dele foi acordá-lo e... E ele já estava... morto.

— Lauren... Todos nós vamos morrer.

— Não! Não! — E ela enxuga o rosto com a manga da blusa. — Deve haver um jeito de fazer isso parar!

— Vamos encarar a realidade. Isso não vai parar. Até que todos nós estejamos mortos!

Elas se abraçam e choram a dor de suas perdas.

Shaunee. Jason. Marc.



Enquanto caminha pelo corredor, Lauren sente alguém a observando. Ela para de andar e olha minuciosamente para todas as direções.

Não há ninguém.

O chão de madeira produz ruídos na medida em que começa a dar os primeiros passos. Ela grita e, aterrorizada, encosta-se na parede. Ela tem certeza de que viu alguém passar engatinhando em sua frente e correr para o quarto.

Ela demora alguns minutos para reunir coragem de entrar no seu quarto. Está convicta de que alguém indesejável a espera.

Os olhos dela encontram o primeiro ponto suspeito.

A cama.

É com passos lentos que ela se aproxima e, com movimentos ainda mais lentos, que se abaixa para verificar sua dúvida.

Respira fundo e ergue em um só movimento as cobertas.

Nada!

Ela sorri e se prepara para um banho quente. Ela deixa a água escorrer por todo o corpo. Fecha os olhos, começando a relaxar. Os últimos acontecimentos a estão deixando muito perturbada. Ao ver a face pálida e retalhada, ela recua alguns passos contra a parede e abre os olhos.

— Droga! Devo ter dormido enquanto tomava banho!

Ela senta-se na cama rindo de sua própria estupidez.

— Tenho que parar de assistir a esses filmes de terror!

Ela ri novamente.

— Aaaah!

A mão gelada toca o tornozelo dela.

— Aaaah!

Ela acorda gritando. A respiração está ofegante e o coração disparado. Quando ela se dá conta de que tudo não passou de um pesadelo, força um sorriso nervoso.

Coloca os pés no chão para ir beber água, mas ao relembrar do terrível pesadelo, coloca os pés sobre a cama outra vez.

— Tudo bem. — Ela respira fundo. — Tudo bem. Nada de pânico. Foi só um sonho. Não é real!

Antes que seus pés toquem o chão, ela sente uma mão fria feito gelo segurá-la na perna. Ela grita. O rosto pálido a encara e dos olhos escorrem sangue. Ela grita desesperadamente e, com muita dificuldade, consegue se livrar daquelas mãos frias e correr. “Aquela coisa” a persegue, engatinhando e sangrando.

— Aaaah!

Ela se bate contra o peito de Luke.

— O que foi? Por que está gritando desse jeito?

— Aaaah!

— Lauren! Lauren!

Ele a sacode e grita com ela.

— Está tudo bem! Está tudo bem. — Ele suaviza o tom de voz.

Lauren começa a tremer, olhando fixamente para o amigo, incapaz de olhar para trás.

— Lauren! Não há nada aqui. Confie em mim.

Ela confia. Ao perceber que ele está certo e de que não há nada atrás dela, ela o abraça com força.

— Eu não aguento mais isso. Estou apavorada!

— Fique calma. Eu estou aqui. Eu estou aqui — ele repete. — Quer que eu fique aqui essa noite?

— Sim. Eu quero. — Ela se afasta dele. — Luke... O que está fazendo aqui?

— Na verdade, estava fazendo algumas pesquisas e confesso que fiquei impressionado com algumas coisas que descobri e estava impaciente para esperar amanhecer. Olha... — Ele entrega a ela alguns papéis.

— O que é isso?

— Imprimir na biblioteca do colégio. Leia.

Mal começa a ler e já se arrepia. Ela senta-se no sofá.

— Aqui diz que... Quando se invoca espíritos, uma espécie de portal se abre, demônios são libertados e coisas terríveis acontecem a quem os invocou. Tratam-se de pessoas que se suicidaram ou foram assassinadas, o que significa que morreram antes da hora, e depois disso se tornaram espíritos vingativos, ou seja, demônios... A maldição só acaba quando o portal é fechado ou quando todos que participaram do ritual morrem... — Ela o encara. — Então é verdade?

— Infelizmente para nós.

— Luke... Como reverteremos?

— Um novo ritual... Dessa vez para fechar o portal e mandá-los de volta.

— Não. — Ela se levanta e começa a caminhar de um lado para o outro.

— Lauren! É a única maneira.

— Não! Não! E não! Já fizemos isso uma vez e foi ruim, muito ruim!

— Lauren! Ouça! — Ele a segura pelos ombros. — O portal precisa ser fechado

— Não! Nunca mais faremos isso! Sabe por quê? Porque o objetivo deles é esse, invocar, invocar e invocar! Para que mais deles sejam libertados e o mundo seja invadido por eles!

— Ei... — Ele se aproxima e a abraça. — Tudo bem, se você não quer fazer, não faremos, mas vamos passar por isso juntos, está bem?

— Está bem. Está bem.

— Vem. Você precisa dormir.

— Não sei se é boa ideia — diz ela o deixando conduzi-la para o andar de cima.

Lauren sente o ar frio soprar seu ouvido enquanto dorme. A voz demoníaca respira tão forte que ela sente que está se aproximando cada vez mais de seu corpo.

Ao mesmo tempo, ela sonha...

Está em um lugar desconhecido, as coisas são todas cinzas, o ar se torna cada vez mais frio na medida em que ela caminha. Sombras cobertas por capuz sobrevoam todo o ambiente. As portas e as janelas se fecham de repente e Lauren sabe que não terá para onde fugir. As sombras avançam em sua direção.

Lauren sente que está sonhando e precisa acordar o quanto antes, é como se fosse morrer caso aquelas sombras a alcançassem.

O desespero começa a apavorá-la e seu esforço não traz nenhum

resultado. Por que simplesmente não abre os olhos?

A respiração gelada e diabólica se aproxima tanto de Lauren, que está ao seu lado na cama. As pernas dela parecem pesar uma tonelada e ela não consegue movê-las. Está completamente paralisada. Ela quer gritar por socorro. Mas a voz não sai.

Ela se debate na cama, se não acordar, vão pegá-la. Se acordar, terá que enfrentar aquilo que está ao seu lado.

— Aaaah! — Ela desperta gritando.

Há uma sombra sobre suas pernas, o que explica o peso que estava sentindo e o fato de não conseguir se mexer. A sombra começa a subir, imobilizando todo o seu corpo. Ela fecha os olhos com força, talvez pense que está acordada, mas ainda esteja dormindo. A respiração que a amedronta se aproxima outra vez, mas, dessa vez, Lauren começa a sufocar.

O pânico a domina. Ela já não sabe se está dormindo ou se está acordada.



Katy levanta-se da cama e vai ao banheiro, levou dias para conseguir voltar a caminhar novamente, e as dores em seu corpo ainda a incomodam, mas não são piores que as lembranças de seus três amigos mortos.

Ela para de caminhar. Engole em seco enquanto seu coração dispara. Conhece bem esse ar de inverno que a está envolvendo. Chegou sua hora. Ela sabe.

Katy corre para a porta e, antes de alcançá-la, ela se fecha. Ela força a fechadura, mas está trancada, o que só aumenta seu desespero, afinal, não há chave.

Ela é lançada contra a parede, contra o teto e depois suas roupas são rasgadas. Ela é arrastada com violência sobre a parede até suas costas sangrarem, quando é arrastada para o chão, a cabeça dela vai de encontro ao vaso sanitário, onde é batida várias vezes!



Luke abre a porta e acende as luzes, as sombras desaparecem.

Lauren respira com força e abraça o amigo.

— Não é por nada não, mas acho que a partir de hoje é melhor dormirmos no mesmo quarto.

— Está bem, eu também acho e... — Ela o afasta e ambos se encaram se dando conta de um detalhe. — Katy! — dizem em uníssono, e saem correndo logo em seguida.

Luke dirige feito um louco em direção ao hospital e, a cada esquina que passam, Lauren vê vultos seguindo-os. Eles estão em muitos, no entanto, nenhum deles se aproxima. É como se houvesse uma ordem certa a ser seguida.

— Luke, é melhor se apressar, está ficando muito frio aqui.

— Já estamos chegando — assegura ele, sabendo o que o frio significa.

O segurança não os deixa entrar e Luke acaba o derrubando com um soco.

— Ei, vocês! — grita a recepcionista, tentando impedi-los.

— Não me obrigue a dar um soco em você também! — vocifera Luke.

A recepcionista se afasta sem contestar.

Luke e Lauren correm para o quarto da amiga.

— Oh meu Deus, Luke! — Lauren esconde o rosto no peito de Luke.

Katy está com ferimentos por todo o corpo, a porta está toda arranhada, as unhas quebradas, a ponta dos dedos em carne viva, as mãos ensanguentadas e, Katy, deitada no chão, resmungando uma música qualquer.

Katy é levada em uma camisa de força.

Os amigos correm para a casa de Lauren, decididos a refazer o ritual, dessa vez, tentando devolver os espíritos ao seu devido lugar. Talvez ainda haja tempo.

O círculo é feito passo a passo. O copo colocado no centro.

Lauren e Luke olham dentro dos olhos um do outro antes de começar.

— E se der errado, o que vamos fazer? — pergunta ela.

— Não vai dar errado. Não pode dar errado.

— Mas...

— Vamos fazer, está bem? — Ele a toca no rosto com suavidade. — Deixe-me proteger você.

O ar começa a esfriar.

— Tudo bem. — Ela coloca a mão sobre a dele.

As mãos se direcionam ao copo.

— Espere! — Luke segura outra vez a mão dela. — Lauren... Quero que saiba algo antes de fazermos isso...

— O quê, Luke?

— Eu... Luke Andrews... Amo você Lauren e... Não importa o que aconteça, o meu amor é real. Ele sempre será real.

— Luke... Eu também amo você. — Ela sorri, deixando-se envolver no beijo apaixonado.

As cortinas começam a balançar com o vento.

— Está na hora — afirma Luke.

— Sim, está.

Luke continua segurando a mão de Lauren, enquanto a outra mão está sobre o copo.



O ritual se inicia. Luke começa a dizer as palavras em um idioma desconhecido e os móveis começam a ser lançados contra as paredes e o teto. Luke aperta as mãos de Lauren entre seus dedos e fecha os olhos. Lauren faz o mesmo. As janelas e as portas abrem e fecham várias vezes, provocando barulhos assustadores. A porta do quarto é arrancada. Os vidros quebram um a um. Luke pronuncia as palavras em um tom mais alto e mais grave. O vento envolve todo o quarto, mas não parece um vento comum... São eles... Lauren e Luke não ousam abrir os olhos para vê-los.

Pouco a pouco o vento diminui, a temperatura volta a ficar normal.

Lauren e Luke abrem os olhos.

— Acabou? — pergunta ela.

— Sim, minha linda. Acabou. — Ele a puxa para um abraço.

Antes de dormir, Lauren toca a face de Luke com carinho, ele parece exausto.

— Você está bem? — quer saber ela.

— Sim... E você?

— Bem.

— Ótimo. — Ele a puxa para perto de si e a envolve em seus braços. — Agora durma. Tudo ficará bem — ele afirma fitando o teto.

Quando Luke tem certeza de que Lauren está dormindo, ele sussurra:

— Eu sinto muito, Lauren...



Ao amanhecer, Lauren encontra um bilhete e uma rosa vermelha sobre a cama. Ela sorri ao ler a frase “Amor Eterno”.

— Luke... — Ela o procura pela casa inteira, mas não o encontra.

Pobre Luke, deve ter passado a noite em claro cuidando dela, o mínimo que ele merece é ir para casa tomar um banho quente e descansar de verdade.

Mas, com o passar dos dias, Lauren começa a ficar preocupada. Luke deixou de ir ao colégio, não atende o celular, não retorna as ligações e nem responde às mensagens.

A preocupação vira medo, ao pensar que o círculo pode ter dado errado e Luke pode estar... Não... Não pode ser... Se algo tivesse acontecido a ele, Lauren certamente seria a próxima. Pensando bem... Katy ainda está viva, em uma clínica psiquiátrica, mas ainda está viva.

Sua preocupação acaba se transformando em decepção e dor, quando Lauren decide ir até a casa de Luke e a encontra completamente abandonada, como se ninguém morasse nela por anos.

Lauren chora ao perceber o óbvio... Luke se aproveitou de sua fragilidade naquele momento para passar a noite com ela. Apenas e simplesmente isso!

— Cretino! Espero que peguem você!

Ela corre para o cemitério e chora no túmulo de Shaunee, sua amiga. Seus amigos, todos mortos. E para quê? Para que um cretino qualquer se aproximasse dela e covardemente se aproveitasse de sua fraqueza e depois desaparecesse?!

— Droga! — Ela soluça de tanto chorar. Shaunee teria a alertado. Katy

teria dado um bofetão nele, ou Marc, Jason... Ela força um sorriso ao lembrar-se de todos eles. Juntos. Vivos.

Uma brisa fria toca o rosto de Lauren. Ela paralisa.

A brisa insiste.

Lauren estremece.

Enchendo-se de coragem, ela olha na direção que está soprando o vento. Ao seu lado.

Ao olhar para o túmulo datando 1890, a foto a faz cair sentada.

— Não... pode ser...

Suas mãos tremem enquanto pegam a rosa vermelha. Os olhos choram ao ler o nome escrito na lápide.

LUKE ANDREWS

ATÉ QUE CHEGUE A HORA

Angelica acorda de madrugada com o som de uma bola batendo em frente a sua casa.

Que espécie de mãe deixa o filho brincar na rua até uma hora dessas?

Ela veste a pantufa e caminha até a janela. O garotinho está lá, batendo bola sozinho.

Angelica balança a cabeça em desacordo com a situação e volta para a cama. Ela se debate por muito tempo e começa a ficar incomodada. O barulho parece se tornar cada vez mais alto, como se o garoto fizesse de propósito.

Irritada, ela levanta-se da cama, veste o roupão e as pantufas, meditando no quanto é injusto que as pessoas que precisam acordar cedo no dia seguinte tenham o seu sono interrompido!

Ela desce as escadas e caminha a passos largos até a varanda.

— Ei, garoto!

O menino, mal-educado, nem sequer olha para ela, quanto menos a responde.

Angelica não pensava que o garoto conseguiria irritá-la ainda mais. Mas ele consegue! E por mais que ela o chame, ele não a olha e não a responde.

— Ei garoto, estou falando com você!

Ao se aproximar dele, ele toma um susto tão grande que a bola cai de suas mãos e rola para a rua.

— Você não ouviu eu te chamar?!

— A mim? — o garoto pergunta sem entender.

— Sim! Está vendo outro garoto por aqui?

Ele olha a sua volta e balança a cabeça negativamente.

— E então, por que não me respondeu?

— As pessoas não costumam falar muito comigo. Isso agora, porque antes... Deixa para lá.

Angelica observa que as roupas do garoto são modestas, provavelmente o fato de ser um garoto pobre faz com que as pessoas o ignorem. Pobrezinho.

— Eu pego a bola para você — diz ela com doçura, agora, sentindo pena do garoto.

— Obrigado — diz ele com os olhos voltados para o chão.

— Aonde estão os seus pais?

— Eles não falam mais comigo. É como se eu não existisse.

— Oh... Mas que espécie de... — Ao ver os olhos tristes do garoto, ela desiste de criticar essa “espécie de pais”. — Ok. Esqueça.

O garoto leva as mãos ao estômago. O rostinho se contorce em uma careta estranha.

— O que você tem?

— Fome.

Angelic engole em seco, se encontrar os pais desse pobre garotinho, ela dará uma boa surra neles!

— Você gostaria de entrar na minha casa? Posso preparar algo para você comer.

— Eu adoraria! — Sorri ele.



No dia seguinte, ao voltar do trabalho, Angelic se depara com uma cena curiosa, que se torna triste, ao ver as diversas coroas de flores deixadas em frente a uma casa.

Um velório. O que será que houve? Pelo número de coroas, a pessoa deveria ser muito querida.

Ao passar na frente da casa, ela sente uma onda de calafrios. Ela acelera os passos e só consegue relaxar quando fecha a porta de sua casa.

Na manhã seguinte, ao sair para o trabalho, Angelic vê o carro funerário chegando e, pela demora em chegar o corpo, ela imagina que a pessoa deve ter sofrido um acidente muito horrível.

Ela passa o dia todo analisando documentos, contabilidade... Os pensamentos se desviam da cena que assistiu ao sair de casa.

Porém, ao descer do ônibus, após o trabalho, Angelic nota que há o dobro de coroas de flores em frente a casa. Uma sensação de pesar invade o coração dela e uma onda de frio a faz estremecer.

Ela para por alguns instantes em frente a casa. Pessoas chorando desesperadas. Uma mulher desmaia. Um homem parece estar enfartando.

Angelic engole o choro. Que dor essa família deve estar sentindo.

Uma senhora se aproxima dela.

— É muito triste, não? Quanto sofrimento!

— O que houve?

— O filho deles. Um caminhão em alta velocidade bateu nele. Pobrezinho, não resistiu. Dizem que não conseguiram reconstituir o estrago feito no corpinho e na face da pobre criança. O caixão está lacrado.

— Eu não consigo nem imaginar a dor que a família deve estar sentindo.

— Eles estão sofrendo muito. Era o único filho do casal.

— Pobres pais.

Nesse momento, uma mulher é retirada a força do velório, sob protestos e gritos.

— Eu vi ele! Eu juro que vi! Ele estava lá! — afirma a mulher.

— Você não tem respeito pelos mortos? Não respeita a dor da minha família?! — grita a dona da casa aos prantos enquanto empurra a mulher.

— O que está havendo? — pergunta Angelic para a senhora.

— Algumas pessoas afirmam tê-lo visto. Levantaram a hipótese de que quem está naquele caixão não é o filho do casal e sim outra pessoa, e que o filho do casal certamente foi sequestrado. Essa é a sexta mulher que aparece no velório para procurar a mãe do garoto e afirma a mesma história. Para ser honesta, eu acredito. Há muitas crenças antigas baseadas em histórias de pessoas que partem antes do tempo que deveriam partir.

— Quais crenças?

— Crenças que afirmam que quando a pessoa morre antes da hora, ela se torna um espírito desinquieto, que não descansa. Que fica vagando por aí até chegar a hora de partir. Por isso, não é bom abrir a porta depois da meia-noite para desconhecidos e, muito menos, convidá-los para entrar.

— E por quê?

— Porque não sabemos quem está do outro lado da porta e nem quem estamos convidando para entrar em nossa casa. A pessoa que faz isso

estabelece um contato com o além... E será amaldiçoada a conviver com o morto habitando a sua casa até que chegue a hora dele partir.

— Meu Deus do céu! Isso é horrível.

— Sim. Uma terrível maldição.

Angelic olha para a senhora ao seu lado, ela parece ao mesmo tempo bondosa e exausta.

— Eu já vou — afirma a senhora. — Eu ainda tenho muito o que caminhar nessa vida...

— Obrigada pela conversa e se cuide.

— Eu é quem agradeço, minha filha, por parar para ouvir uma pobre velha falar. — E ela vai embora.

Angelic não consegue conter a curiosidade e entra na casa. Há muitas flores e velas espalhadas em todos os cantos da casa. O ambiente é preenchido com muita dor, choro, dificuldade em aceitar a perda.

Angelic para em frente a um retrato de uma família feliz e a imagem de uma jovem senhora lhe chama a atenção...

— Era a minha mãe — diz uma mulher se aproximando. — Agora ela deve estar junto ao meu filho que partiu.

— Eu sinto muito por sua perda — diz Angelic.

— Obrigada. Obrigada por estar aqui mesmo não conhecendo a mim e a minha família. Você acabou de se mudar, não é?

— Sim...

— Eu vou... Na verdade eu não sei para onde eu vou... — diz a mulher se afastando.

Angelic vê um pequeno porta-retratos com a foto de um menininho.

Ela sente o coração congelar.

Ela olha para os lados e vê várias fotos do mesmo garoto, e isso é muito assustador!

Sobre o caixão, há um enorme quadro dele e, ao lado, uma bola. Angelic leva a mão aos lábios para sufocar o grito.

“Porque a pessoa que faz isso estabelece um contato com o além... E será amaldiçoada a conviver com o morto.”

Ela relembra as palavras da senhora e relembra também que depois de entregar a bola ao garoto ela o convidou para entrar na casa dela para comer alguma coisa.

“Fica vagando por aí até chegar a hora de partir.”

Ela tem a sensação de ver a fisionomia da senhora através da janela. Os

olhos se voltam para o retrato da família. É a mesma senhora que estava falando com ela lá fora, só que aquela que está lá fora, é um pouco mais idosa se comparada a do retrato...

— Meu Deus do céu! O que eu fiz?

Ela corre para a sua casa e tranca a porta. A respiração ofegante e o coração disparado.

— Não pode ser real. Isso não pode estar acontecendo!

Ela fecha os olhos com força. Um barulho faz seu coração disparar. É o som de uma bola batendo no chão...

Amedrontada, ela demora muito para abrir os olhos.

— Isso não pode estar acontecendo...

Hesitante, ela abre os olhos... A bola cai degrau por degrau pela escada até chegar aos pés de Angelic.

“E será amaldiçoada a conviver com o morto habitando a sua casa até que chegue a hora dele partir.”

Angelic ergue lentamente os olhos para o alto da escada... E lá está ele...

O garoto que ela convidou para entrar na sua casa...

O garoto que estava naquele caixão...

O garoto morto...

UMA VOLTA À MEIA-NOITE

A viagem está sendo o máximo! Ted nunca se cansa de ouvir as histórias que seu pai conta. Parecem tão reais.

— Conta, papai! Conta o que acontece quando uma pessoa dá uma volta ao redor da casa à meia-noite e depois olha através da fechadura!

— Eu contaria se eu soubesse, meu filho. São apenas histórias, e...

— Ah! Conta, papai!

— Eu não sei exatamente o que acontece. Dizem que a pessoa vê coisas horríveis. Coisas que não gostaria de ver.

Ted medita no que o pai disse. Só há uma maneira de descobrir, não é? Ele deveria tentar fazer isso qualquer dia desses para desvendar o mistério. Que tal essa noite? Ele coloca o relógio de pulso para despertar.



Vinte e três horas e cinquenta e cinco minutos...

O relógio desperta. Ted deveria estar muito cansado, porque nem se lembra do momento em que seu pai o colocou na cama.

Ele vai até o corredor. Está tudo apagado. Ótimo sinal, os pais devem estar dormindo, fato que facilitará o seu plano.

A casa está tão silenciosa que se Ted não soubesse que seus pais estão dormindo, poderia afirmar que estava sozinho em casa.

Ele desce as escadas com cuidado para não fazer barulho. Quando chega

do lado de fora, ele respira aliviado. Não foi descoberto. Agora, é só fazer o que precisa ser feito.

Exatamente meia-noite. Ted corre ao redor da casa. Ao completar a volta, ofegante, ele para diante da fechadura. Pronto para desvendar o desconhecido.

Ao aproximar os olhos da fechadura, ele se depara com a claridade da luz. Droga! Será que seus pais acordaram?!

Ele se concentra e vê muitas pessoas reunidas na sala da sua casa. O que é muito estranho, porque quando saiu da casa não havia ninguém.

“Ah! Lembrei! Deve ser uma daquelas visões que papai me falou...” — pensa.

Ted aproxima-se outra vez da fechadura. Parece que agora há o dobro de pessoas. E elas estão todas... chorando?

Ted abre a porta bem devagar. Talvez, seja tudo fruto de sua imaginação...

Realidade ou não, o garoto decide entrar na casa para entender o que está acontecendo.

Todas as luzes da casa estão acesas, há pessoas em todos os lugares. Todas choram.

— Que tragédia, meu Deus! Que tragédia!!! — diz uma senhora.

— O que aconteceu? De que tragédia a senhora está falando?!

A senhora o ignora e nada responde.

Os olhos dele encontram sua mãe, chorando muito... Abraçada a uma senhora. Ambas em frente a um caixão...

— Essa não... Papai? — ele sussurra.

Ted corre em direção ao caixão, mas para na metade do caminho, cegado por uma forte luz que bloqueia sua visão.

Ted paralisa e, diante dele, aparecem imagens, como se ele estivesse assistindo a um trailer de filme.

Ted estava outra vez no carro com o pai... Uma buzina ecoa na escuridão. Gritos dele e do pai. Um carro vai de encontro ao carro deles. Agora, é como se Ted fosse o espectador...

O pai dele está sangrando muito... Não consegue se mover. Ele grita o nome de Ted, enquanto tenta retirar um ferro que atravessou sua perna, mas desmaia em seguida. Ted se vê preso entre as ferragens do carro.

Ted está novamente no velório, na sala de sua casa. O corpo dele treme com muita força. Ele não sente mais vontade de se aproximar do caixão. Ele

não quer ver o pai morto. Não quer relembrar da cena de dor e desespero que viu nos olhos do pai quando tentava retirar o ferro do próprio corpo.

Mas as coisas ficarão muito piores para Ted suportar...

Os olhos dele se enchem de horror ao ver o pai morto se aproximando da mãe dele. Ele está mancando.

Com muita dor no coração, Ted se aproxima da mãe, para consolá-la. Ela está sofrendo muito. Ela precisa de Ted ao lado dela.

O filho vai de encontro a mãe para abraçá-la, mas ele é ultrapassado pelo pai morto, que envolve a mãe em seus braços enquanto choram em desespero.

Ted paralisa diante do caixão e, no mesmo instante, começa a se afastar. Não é o velório do seu pai. É o velório de Ted.

A NOIVA

Era para ser o dia mais incrível e feliz da vida de Ammy, mas as coisas nem sempre acontecem da forma que planejamos.

Passam-se quarenta minutos e nada do noivo aparecer, ela pensa nas piores possibilidades nesse tempo, mas como ter certeza? O noivo não atende ao celular e ninguém sabe o que pode ter acontecido a ele.

Ao completar uma hora de espera, ela desce do carro e obriga o motorista a descer também, ela mesma irá até a casa do noivo para ver o que está acontecendo.

Quando chega na casa dele, está tudo trancado, como se não houvesse ninguém em casa. Ela chama por ele, mas ele não responde.

Ela pega a chave escondida dentro de um vaso de flores, abre a porta e o chama várias vezes, mas não há respostas. Ao ouvir o som do chuveiro, um sorriso se forma em seus lábios.

Então é isso, esse idiota perdeu a hora e ainda está no banho!

O sorriso começa a se desfazer no momento em que ela vê roupas de mulher jogadas pelo chão, misturadas às roupas dele.

É alguma pegadinha... Não tem outra explicação.

Porém, a realidade que seus olhos encontram é frustrante e cruel. Seu amado noivo está no banho com outra mulher. Ao que parece, por nenhum momento ele considerou o fato de que hoje seria o casamento deles, e por nem um instante cogitou sequer ir ao casamento.

Ammy grita o nome dele, mas ele não a olha. Quando ela pega o secador para acertar contra o casal, a mão dela transpassa o objeto. Sem entender o que está acontecendo, ela tenta outra vez, mas o resultado é o mesmo, os dedos não tocam o objeto. Ela tenta tocar em outros objetos, mas a situação não muda. Ela começa a gritar e avança contra o casal, mas passa direto por eles.

— Sentiu um ar gelado? — pergunta o noivo.

— Senti — responde a mulher.

— Estranho.... — diz ele, pensativo.

Ammy sai do banheiro sem entender o que está acontecendo e ao mesmo tempo chora ao lembrar-se da cena que presenciou. Ela tenta tocar o trinco da porta, mas, ao não conseguir, passa direto através da porta. Caminha

em direção ao carro, porém nota que o carro não está mais ali.

Será que alguém roubou?

De repente, é como se o cenário mudasse, ela está outra vez em frente a igreja.

Será que fiquei tão nervosa com tudo que tive alucinações ou estou sonhando tudo isso?

No local aconteceu um acidente aparentemente horrível, tem sangue para todos os lados, o carro está com a lataria completamente afundada e destruída. A multidão se aglomera. Algumas pessoas choram e outras desmaiam.

Ammy se aproxima do carro e dá um passo para trás junto com um grito ao ver que a garota morta ao volante é ela, ainda vestida de noiva. As pessoas passando mal e desmaiando são membros da sua família.

Ela olha para si mesma e há sangue por todas as partes do seu vestido.

De repente ela está na missa, sua própria missa de sétimo dia. Ela reconhece o rosto dos amigos, dos familiares e do noivo.

Cretino! Foi esse o tempo que conseguiu esperar sem arrumar outra?

Ammy sente tudo girar, a visão escurecer, está tão confusa. Como poderia estar morta? Ela está morta, não está?

Ammy está outra vez dentro do carro, as coisas são tão rápidas que ela mal vê o outro carro correndo em sua direção. Tudo fica escuro outra vez.

Como se alguém a empurrasse para outro lugar, ela se vê outra vez na casa do noivo. É noite, as luzes estão apagadas, mas ela consegue ouvir os gemidos vindos do quarto do noivo.

O ódio está em seus olhos, vermelhos como sangue.

Os gemidos se tornam mais altos, e Ammy não suporta ficar mais um minuto naquela casa, por isso, ela sai correndo. Para a sua infelicidade, ela se vê outra vez dentro do carro, segundos antes do acidente.



Com o passar dos dias, Ammy percebe que sua vida se tornou uma espécie de ciclo, é como se ela estivesse presa entre as cenas do acidente e as da casa do noivo, com alguns momentos de apagão, no qual ela fica presa por um tempo que não consegue identificar se é curto ou longo.

Está muito além das suas forças continuar aquela rotina por mais um dia que seja, portanto, ela decide que encontrará uma maneira de poder descansar.

Ela sai do carro e automaticamente aparece na casa do noivo. Mal chega e já ouve os gemidos vindos do quarto dele.

— Aquela vaca!

Tamanha é sua raiva, que ao entrar no quarto do noivo, as janelas se abrem e começam a bater fortemente, assustando o casal na cama.

— Fecha as janelas, está muito frio.

— Está mesmo, muito frio...

Ao fechar as janelas, o noivo fica pensativo.

— Mas eu tenho certeza de que tranquei bem as janelas.

— Deve ser impressão sua. Você anda bem esquisito depois que sua noivinha morreu.

— Não fala assim dela, eu gostava dela.

— Gostava tanto que a traia comigo, gostava tanto que no dia do seu casamento você se atrasou porque estava em um motel comigo!

— Se eu não estivesse com você teria chegado na hora e talvez ela não estivesse morta agora.

— Você se culpa à toa!

Ammy começa a tremer, a fúria demoníaca a domina de tal forma que o ambiente muda. As luzes começam a piscar, o ar gelado se assemelha a um freezer, as janelas voltam a abrir, um relâmpago indica a chegada de uma tempestade.

A mulher é jogada contra a parede por mãos invisíveis, depois é arrastada pelo chão, sob gritos de dor e desespero. O noivo tenta segurá-la mesmo sem entender o que está acontecendo, mas ele não consegue...

A mulher tem a cabeça batida várias vezes contra a parede, até achatar parte dela, em seguida é arrastada pela parede até o teto, e então, é como se mãos invisíveis a soltassem, e ela vai de encontro ao chão.

— Não!

O noivo grita e corre até a mulher, que está com a cabeça completamente desfigurada e coberta de sangue, ele a chama e mexe nela, mas é perceptível que está morta.

O vento e o frio ficam a cada segundo mais fortes, é então que o noivo consegue ver sua noiva, parada em frente a ele.

— A... A... Ammy... Mas você não está...?

— Morta? — pergunta ela com desdém. — Parece que sim. Felizmente para você.

— Não. Não pense assim, eu estava saindo de casa quando recebi o telefonema de que você havia sofrido um acidente e...

— Saindo de casa ou do motel com aquela vadia? A vadia morta. — A risada dela soa como se mil demônios estivessem dentro dela.

O noivo a olha branco como um papel, o medo é visível em seus olhos.

— Eu ouvi a conversa de vocês, seu grande cretino!

— Ammy, eu posso explicar, eu não iria continuar com ela, eu estava disposto a terminar tudo naquele mesmo dia, mas...

— Mas o motel estava mais interessante que o dia do seu casamento, não é?

— Ammy...

A fisionomia dela muda completamente e ela adquire a aparência com que ficou no dia do acidente, o que deixa o noivo ainda mais apavorado, a visão de sua noiva morta é assustadora demais.

Ele é lançado contra a parede, contra o teto e contra o chão várias vezes, até sentir que alguns dos seus ossos se quebraram. Ammy o segura pela garganta e o obriga a olhar para ela, o que poderia ser mais assustador?

Cega de raiva, ela nem percebe que está conseguindo tocar nele.

— Eu vivo dia após dia revivendo aquele maldito acidente e, quando saio do carro, apareço aqui na sua maldita casa! Por sua culpa eu ficarei por toda a eternidade esperando por você na frente daquela igreja!

— O que eu posso fazer Ammy? Me perdoa!

— Perdão? Perdão? Seu grande cretino! Eu te odeio! Eu quero acabar com a sua vida! Da mesma forma que fez com a minha!

— Ammy... Eu não estou conseguindo respirar...

É nesse momento que ela percebe que está segurando no pescoço dele, que suas mãos não passaram direto por ele, como das vezes que tentou segurar os objetos. Ela começa a chorar.

— Eu só queria descansar... Não aguento mais...

Nesse momento, o noivo tem uma ideia que lhe parece a melhor saída, para se livrar de Ammy de uma vez por todas! Afinal, ele não quer viver o resto da vida assombrado pelo espírito vingativo da sua ex-noiva.

— Ammy... E se eu for ao seu encontro na igreja. Será que não conseguimos resolver as coisas?

— Não! — ela grita com uma voz grossa, como se fosse um homem falando.

— Ammy, por favor, me deixa tentar resolver as coisas... Me deixa tentar... Você está sofrendo...

— Preocupado com o meu sofrimento, seu cretino? — Os olhos dela estão negros, como se houvesse um grande buraco no lugar em que havia os mais lindos olhos verdes.

— Ammy, pensa comigo, você disse que revive o acidente todos os dias, essa é a chave para resolvermos tudo. Por favor, me deixa ajudá-la. É o mínimo que posso fazer.

— Essa é a chave? Eu não havia pensado nisso. — Os olhos dela se tornam verdes outra vez.

— Espere alguns minutos aqui, para que eu tenha tempo de chegar lá, e então, saia. Você disse que só aparece nesses dois lugares, mas quem sabe, se eu estiver esperando por você, as coisas mudem, e você não apareça aqui na minha casa, mas consiga sair do carro e seguir em frente.

— Está bem, vai logo! Não, não, volte aqui. Eu quero fazer um último pedido.

— Qualquer coisa Ammy, o que você quer?

— Vista-se de noivo.

— O quê?

— Quero que use a roupa que iria usar em nosso casamento.

— Está bem, como você quiser.

Ele veste-se com a roupa e segue para à frente da igreja.

De repente Ammy aparece dentro do carro, a diferença é que dessa vez ela consegue descer sem que apareça em seguida na casa do noivo. Ele estava certo.

— Nós iríamos viver felizes para sempre, não iríamos?

— Sim, claro que iríamos, Ammy.

— Você queria viver comigo para todo o sempre?

— Claro que sim, Ammy, era o que eu mais queria.

Um sorriso se forma nos lábios de Ammy, seus olhos verdes ficam negros.

— Que assim seja! — afirma, torcendo e quebrando o pescoço do noivo.
— Juntos para todo o sempre!

UM EQUÍVOCO

Kassy sempre foi uma garota meiga, sonhadora, estudiosa, elogiada pelos professores, admirada pelos colegas, tinha o namorado perfeito, a amiga perfeita...

Certo dia, após a mãe de Kassy chamá-la para ir à escola...

— Filha, você vai se atrasar. Levanta — diz a mãe, abrindo as cortinas do quarto.

Kassy nem se move na cama, o que causa estranhamento na mãe, afinal, a filha nunca foi preguiçosa, nem fazia corpo mole para os estudos, mas ao ver ao lado da cama a pilha de livros, cadernos e anotações, ela compreende que a filha está muito cansada. Com cuidado, ela se aproxima e faz um carinho em seu anjinho, que dorme profundamente, mas algo está muito errado!

— Kassy! Filha! — A voz da mãe entra em desespero. — Kassy! Acorda! Kassy...

A mãe começa a chorar, essa é uma situação que mãe nenhuma deveria ter que enfrentar. A morte de um filho. Os filhos deveriam enterrar os pais, não o contrário.

Segundo os médicos, o que Kassy teve foi um ataque fulminante.

O velório acontece na pequena capela da cidade, e a comoção é geral, afinal, era uma garota muito querida por todos.

A mãe e o pai estão a base de calmantes, o namorado está lutando para se manter forte e tomar conta do que for necessário devido a situação dos sogros, a melhor amiga está visivelmente destruída, ainda assim, ajuda em tudo o que é preciso para tentar, de algum modo, tranquilizar os pais da sua querida amiga.

Após o enterro, os pais precisam ser outra vez medicados, tamanha é a dor e o sofrimento, não que isso possa amenizar, mas pelo menos os ajudará a dormir um pouco.

E então o verdadeiro pesadelo começa...



Ao acordar, Kassy se sente levemente tonta e sufocada, as luzes estão apagadas, o ar está ficando cada vez mais quente e difícil de respirar. Ao tentar se mover, ela sente o corpo todo dolorido e não tem muito sucesso, não apenas devido às dores, mas ao pequeno espaço. O que estaria acontecendo?

É preciso alguns segundos a mais para que ela consiga começar a desconfiar da situação.

O coração acelera e sua respiração fica mais rápida, o peito dói e arde a cada tentativa de puxar o ar com mais força, suas mãos trêmulas empurram a madeira para cima, sem sucesso.

— Não pode ser...

Ela reúne o pouco das suas forças para bater contra a madeira, e tenta gritar, mas está tão fraca que sua voz é um sussurro.

— Alguém me tira daqui, pelo amor de Deus!

O pavor e o desespero a dominam no momento em que ela tateia ao seu redor e tem outra vez a certeza de que não há espaço o suficiente para ela se mover. Não há luz, nem ar.

O suor escorre por sua face, até que se espalha por todo o seu corpo, que tenta se movimentar contra a madeira que a mantém presa ali.

Ela começa a chorar, e entre as lágrimas imagina onde poderia estar sua mãe, que não está ali para socorrê-la. As mães têm sexto sentido, não é? Talvez, se ela concentrar todas as suas forças em sua mãe, ela sinta que algo está errado e venha ao seu encontro.

Os pensamentos se perdem, ela não sabe a quanto tempo está ali, e nem quanto tempo lhe resta, só tem uma certeza:

A certeza de que foi enterrada *viva*.

QUANDO AS LUZES SE APAGAM

Quando as luzes se apagam, um mundo sombrio se acende para Luah. A garotinha se encolhe na cama abraçada ao seu ursinho branco de pelúcia, presente de seu pai quando tinha cinco anos.

No momento em que ela ouve algo se mover embaixo da sua cama, sabe que só precisa correr até a porta, abrir e ir para o quarto dos seus pais que tudo ficará bem. É o que ela faz.

Entretanto, quando Luah coloca seus pés no chão, sente uma mão gélida segurando seu tornozelo. Mesmo congelada de medo, a garotinha puxa a perna com força, tentando se soltar da mão que a prende.

— Papai! Papai!

— Querida! O que foi?

O pai acende a luz e a pega no colo, ela abraça o pai e chorando conta o que aconteceu.

— Calma, meu amor. O papai vai ficar aqui até você dormir, está bem?

— Tá bom.



Luah dorme profundamente, mas acorda quando, de repente, suas cobertas são puxadas, a luz do abajur se apaga, o trinco da porta começa a se mover, a névoa começa a sair de debaixo da cama.

A garotinha treme de medo, até seus dentes estão batendo. Ela levanta-

se da cama e senta-se no parapeito da janela para ficar longe da névoa, que começa a se espalhar pelo quarto, até que alcança os pés da menina, que aperta seu ursinho contra seu peito.

Algo ou alguém começa a se mover embaixo da cama dela, que sente todo o seu corpinho tremer. A voz para pedir por socorro não sai. Em um momento de coragem, ela salta da cama e corre até a porta, mas está trancada.

Ela vira-se para trás e vê mãos finas e quase esqueléticas saindo de debaixo da sua cama, em seguida, cabelos escuros com aspecto de lama caindo pelo chão, e então, a mulher torta e pálida sai rastejando encarando a garotinha, que nesse momento começa a gritar. A mulher torta rasteja o mais rápido que pode em direção a menina, e quanto mais se aproxima, mais deformada e torta ela fica.

— Luah! Querida!

A mãe abre a porta e ergue a garotinha no colo.

— Mamãe...

Ela chora abraçada a mãe.

— Porque o papai me deixou sozinha, ele disse que ficaria comigo e...

— Luah...

A mãe acaricia a face da menina.

— Quer dormir com a mamãe essa noite?

— Sim.

A mãe a ajeita na cama, enquanto tenta outra vez explicar as coisas para a garotinha.

— Luah, lembra que a mamãe contou a você sobre o acidente que nós tivemos há cinco anos?

— Sim...

— Naquele acidente o papai morreu. Você não se lembra porque era muito pequena, mas agora você já está uma mocinha de dez anos, precisa entender que o papai está no céu.

— Mas eu vi o papai, mamãe.

— Não, você teve um sonho.

A mãe deita-se de frente para a filha.

— Mamãe, é possível sonhar com os olhos abertos?

— Com os olhos abertos não.

— Então agora estou acordada?

— Sim, você está acordada. — Sorri a mãe.

— Então, se o papai morreu, quem é esse deitado atrás de você?

FIM!

*E você,
já olhou embaixo
da cama hoje?*

CARTA AO LEITOR

Você sofre. Chora. Sangra. Maltrata. É maltratado. É alvo de inveja. É invejoso... Não importa. Sempre há quem o vê e sabe de todas as coisas. E é com ele que você prestará contas de todas as suas ações, boas ou ruins.

Você que sofre por depressão, por ataques de pânico, dores nos ossos, na cabeça, na alma... Você que sofre com doenças do corpo e da alma, que foi diagnosticado com o pior dos resultados. Saiba que no céu há um Deus que olha por você. Ele cuida de você. Ele cura você. Basta você confiar, ter fé e entregar o seu caminho a Ele.

Se você entrega o seu caminho a Ele, nenhum mal o alcançará, pesadelo algum o perturbará, alucinações, visões malignas não farão parte da sua vida. O impossível se torna possível, porque Ele é o Deus do impossível.

Esses textos que você acabou de ler mostram um pouquinho das maldades que há no mundo: pessoas mesquinhas, invejosas, egoístas, que não pensam duas vezes antes de fazer mal ao seu próximo. Ninguém, absolutamente ninguém, pode tirar uma vida, nem a sua própria. A nossa vida, a nossa alma, pertence a Deus.

Mexer com espíritos, com o lado obscuro, com o desconhecido, nunca foi e nunca será uma boa ideia. Se você procura coisas no lugar errado, você encontra o errado, o maligno. Tudo o que você deve procurar para melhorar, reconstituir a sua vida, você encontra em Deus. Você encontra na Bíblia Sagrada.

Aí você pensa, mas estou condenada, condenado, o médico já me disse... Preste bem atenção! Não interessa o que o médico disse. O que as pessoas disseram ou dizem. Não interessa se você está com câncer terminal, se está com alguma doença desconhecida. Não importa se as pessoas duvidaram e duvidam de você. O que importa é a sua fé. A sua crença em um Deus todo poderoso. Ele é a sua cura. A sua vitória. Só Ele pode fazer por você o que os médicos não podem, o que as pessoas não podem. Por isso que Ele é o Deus do impossível. Se fosse para Ele fazer coisas normais Ele não seria Deus, seria um simples humano como nós.

Você precisa de um milagre? É só Deus quem pode concedê-lo a você. É só Deus.

Arrependa-se dos seus pecados, das palavras ferinas lançadas a outras pessoas, que podem ter destruído a vida delas. Arrependa-se de sentir inveja

do outro, você também pode realizar o que quiser se buscar no lugar certo, com a pessoa certa, da maneira certa. Arrependa-se de ter gritado com sua esposa, seu marido, seus filhos, isso dói neles até hoje, mas ainda assim eles amam você. Arrependa-se apenas por ser um pecador e peça misericórdia. Deus é benigno e misericordioso, Ele não ignora o pedido de perdão, a súplica pela cura, por um milagre, quando essas palavras saem de lábios e de um coração sincero.

“Deus deu e Ele pode tirar”. E isso inclui a sua vida.

Não estou dizendo para você se converter. Para você ser evangélico ou católico ou de qualquer outra religião. Também não estou dizendo que essas palavras só servem para essa ou aquela religião. O que estou dizendo é que você precisa ter fé. Precisa entregar a sua vida a Deus. Porque Deus é o único que vai cuidar da sua vida como ela merece: algo precioso e muito caro a Ele. Ninguém valoriza mais a sua vida do que Deus. Aquele quem te deu a vida. Estou dizendo que o seu milagre será realizado e você será uma testemunha viva da Misericórdia, Benignidade e Glória de Deus.

Não confie em pessoas, confie em Deus. Não confie em qualquer palavra, confie na palavra de Deus.

Se te machucaram, se te magoaram, Deus te cura nesse momento. Basta você pedir para que Ele o faça. Basta você crer nEle, mesmo que não possa vê-lo.

Você não vê o ar, mas sabe que ele está lá, caso contrário você não estaria vivo. Com Deus é assim. Você pode não ver, mas pode senti-lo. Ele está ao seu lado, ou você não estaria vivo.

E então você pode se perguntar: qual é a dessa garota? Escreve um livro com essas histórias horríveis e no final quer tentar embelezar tudo! Não. Não é isso. Por acaso na vida não passamos por momentos ruins, trágicos, de perda, de medo? Essa técnica foi proposital. Escrever contos horríveis para ilustrar a nossa vida. Temos muitas dificuldades pelo caminho, mas se persistirmos, chegaremos ao objetivo. Por acaso você não persistiu com a leitura pesada até o fim? E agora não chegou em um ponto que você está refletindo e relaxando? Na vida não é diferente. Não importa pelo que você tenha que passar, se você persistir, tiver fé em Deus, você chegará ao ponto de realização. O ponto da felicidade.

As pessoas buscam a felicidade em lugares errados. Mexem com o desconhecido. Querem alterar o destino, o futuro. Aham que possuem autoridade entre o bem e o mal. Se você vai mexer com coisas malignas,

como pode esperar o bem?

Algumas pessoas sofrem com pesadelos. Dormindo ou acordadas. Mas eu tenho algo muito importante e sério para te falar. Se você entregar seu caminho e sua vida a Deus, Ele cuidará do seu sono e da sua vida. Basta você pedir a Ele.

Ao contrário de perder tempo procurando o que não existe, buscando coisas supérfluas ou erradas, procure a Deus enquanto ainda pode encontrá-lo. Não importa a sua religião, o que importa é em quem você acredita.

Deus é dono de todas as coisas, Ele pode tudo, Ele concede o impossível, porque Ele é o Senhor, Ele é o Rei. E nós, somos filhos do Rei.

E se você já mexeu com espíritos, com o sombrio, com o errado, e acha que não tem mais jeito, saiba que Deus está de braços abertos para te perdoar, te receber e cuidar de você. Basta você procurá-lo. Tudo o que você fez cairá no mar do esquecimento.

“Pelo que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”.

II Coríntios 5.17

Jhey Lee

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu a vida, a família mais maravilhosa do mundo, os amigos mais incríveis e o dom da Arte de Escrever.

A minha Mãe, minha rainha, minha guerreira, minha heroína, meu amor, minha vida. Obrigada por existir e por sempre estar ao meu lado, mesmo quando ninguém mais estava. Obrigada por ouvir minhas queixas, e secar as minhas lágrimas quando as coisas não davam certo. Obrigada por nunca deixar de acreditar em mim. Amo você.

Ao Júlio, meu adorável e amado esposo. Obrigada por todo apoio e amor incondicional, pelas horas de conversas até quando você não fazia a menor ideia do que eu estava falando, mesmo assim me ouvia e ainda me ouve, buscando comigo a melhor solução. Obrigada pelos incontáveis livros de terror com os quais me presenteou para preencher minhas noites. Obrigada por ser o melhor marido que Deus poderia me dar. Te amo.

Ao meu Pai, obrigada pelo incentivo mesmo não sendo o maior apreciador da leitura. Obrigada por se esforçar para ser a cada dia melhor. Te amo.

A Sarah, minha irmã e amiga. Obrigada por sempre me ouvir e auxiliar da melhor forma possível, por sempre torcer por mim e acreditar em meu potencial. Te amo.

Alice, gêmea querida, nem sei o que faria sem as suas orientações e ajuda incondicional, além das conversas e todo apoio em tudo o que preciso. Você é muito especial em minha vida, estará para sempre em meu coração. Obrigada por sempre estar presente.

Larissa, linda do meu coração, você nem imagina o quanto significa para mim, o quanto é especial. Sou grata por tudo o que fez e ainda faz por mim e por meus livros. Obrigada por estar sempre disponível.

Vitória, princesa linda, saiba que é muito especial em minha vida, e serei eternamente grata por tudo. Muito obrigada por seu carinho, dedicação e apoio.

Lice, Lari e Vi, vocês são presentes de Deus em minha vida, sou grata por tudo o que passamos e ainda vamos passar juntas. Eu as amo muito!

Jéssica Macedo, autora maravilhosa, designer incrível e primorosa! Agradeço imensamente por todo carinho, paciência, dedicação e amor. Você fez mais do que eu esperava e melhor do que eu sonhava, obrigada por me

proporcionar a melhor capa para *Contos de Terror*.

Muito obrigada a você, leitor e leitora, que adquiriu um exemplar.

LIVROS DA AUTORA

[FERIDOS: Por escolha ou destino](#)

FERIDOS: Lado a lado com o inimigo (em breve)

Contos de Terror: Para ler antes de dormir

Contos da Série Feridos:

[O Baile de Máscaras: Um encontro às escuras](#)

[A Noite de Réveillon: O baile de gala](#)

AngelLee e o Mascarado (em breve).

Marcas do Passado (em breve).